



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

***YOU TUBE* COMO PEDAGOGIA CULTURAL: ESPAÇO DE
PRODUÇÃO, CIRCULAÇÃO E CONSUMO DE CULTURA SURDA**

Daiane Pinheiro

**Santa Maria, RS, Brasil
2012**

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Pinheiro, Daiane

You Tube como pedagogia cultural: espaço de produção, circulação e consumo da cultura surda / Daiane Pinheiro.-2012. 80f.; 30cm

Orientadora: Márcia Lise Lunardi-Lazzarin

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, RS, 2012.

1. Cultura Surda 2. Produções Culturais Surdas 3. Negociação 4. Consumo I. Lunardi-Lazzarin, Márcia Lise II. Título.

**YOU TUBE COMO PEDAGOGIA CULTURAL: ESPAÇO DE PRODUÇÃO,
CIRCULAÇÃO E CONSUMO DE CULTURA SURDA**

por

Daiane Pinheiro

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, área de concentração em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS).

Orientadora: Prof^a. Dra. Márcia Lise Lunardi-Lazzarin

Santa Maria, RS, Brasil
2012

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: EDUCAÇÃO ESPECIAL**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a dissertação

***YOU TUBE* COMO PEDAGOGIA CULTURAL: ESPAÇO DE PRODUÇÃO,
CIRCULAÇÃO E CONSUMO DE CULTURA SURDA**

Elaborada por

Daiane Pinheiro

Como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Educação

Comissão Examinadora:

Márcia Lise Lunardi-Lazzarin, Dra. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Saraí Patrícia Schimidt, Dra. (FEVALE)

Luís Fernando Lazzarin, Dr. (UFSM)

Marilda Oliveira de Oliveira, Dra. (UFSM)

Santa Maria, 30 de Março de 2012.

Dedicatória

Dedico este trabalho a minha mãe, irmãos e companheiro, pelo incentivo em todos os momentos, e minha orientadora, Márcia, por me acompanhar por esses (des)caminhos.

Agradecimentos

Este se tornou um momento difícil ao longo das minhas produções acadêmicas, pois os agradecimentos a todos que fizeram parte de um trabalho não caberiam em poucas páginas. Mesmo em meio a essa arriscada tarefa, pretendo citar aqui algumas pessoas que, de uma forma ou outra, tornaram possível os encaminhamentos desta pesquisa. Agradeço com satisfação e sinceridade...

À minha mãe, Neiva, e aos meus irmãos, Daniel e Diogo, que mesmo a distância estiveram sempre ao meu lado, confiando, apoiando e acreditando em minhas escolhas.

Ao meu “príncipe” companheiro, Maurício, que, diante de minhas ansiedades, soube tranquilizar-me; diante de minhas dúvidas, soube direcionar-me; e, em meio às minhas angústias, soube confortar-me.

À minha orientadora, professora Dra. Márcia L. Lunardi-Lazzarin, a quem também dedico este trabalho, pela confiança na realização deste e de outros empreendimentos, como o projeto “Produção, Circulação e Consumo da Cultura Surda Brasileira”, o qual deu origem a esta pesquisa. Agradeço-lhe, em especial, por ter investido seu conhecimento em mim, acreditando no meu crescimento profissional e teórico, que muitas vezes eu mesma colocava em dúvida. A ela, minha querida “ori”, todo o meu respeito e muita admiração. Sinto-me orgulhosa de ter sido guiada por seus passos e deixar inscrito, na minha formação acadêmica, o seu nome. Muito obrigada!

Às professoras Lodenir Becker Karnopp e Madalena Klein pelo incentivo, orientação e parceria no projeto “Produção, Circulação e Consumo da Cultura surda Brasileira”.

Aproveito para agradecer aos colegas e amigos de trabalho surdos e ouvintes que compõem esse projeto, envolvendo os grupos da UFPEL, UFRGS e UFSM.

Ao Ministério da Cultura, pelo financiamento e confiança na realização do projeto “Produção, Circulação e Consumo da Cultura Surda Brasileira”. À CAPES, pelo auxílio financeiro mensal cedido através desse projeto de pesquisa.

Ao PPGE e PRPGP, pelos encaminhamentos burocráticos e subsídios financeiros nos meus processos de formação continuada.

Aos professores Dra. Saraí Patrícia Schimidt, Dr. Luiz Fernando Lazzarin e Dra. Marilda Oliveira de Oliveira, pelas contribuições teóricas dadas a esta pesquisa.

Ao professor Dr. Luiz Fernando Lazzarin, componente da banca examinadora, que esteve por perto nas escutas, nas conversas e nos direcionamentos que se seguiram durante este empreendimento.

À Vivi, minha amiga querida que soube, com toda a sua habilidade, fazer-me esquecer, quando preciso, algumas atividades acadêmicas.

À minha amiga Carol, pelos momentos de distração, risadas e produtivas discussões.

À Ravele, que, em meio às responsabilidades que a envolviam em outras atividades, me atendeu sempre que precisei da sua habilidade, compromisso e responsabilidade.

Às amigas e companheiras de estudo Anie, Camila, Fernanda, Eliana, Juli, Ju, Liane, Mônica, Priscila, Ravele e Simone. A solidez, segurança e confiança desse grupo proporcionaram-me o sentimento de conforto, de pertencimento, tal qual uma comunidade de estudo.

Por fim, agradeço a Deus pelos caminhos que tem me guiado a escolher. Certamente, minha satisfação hoje é porque os escolhi certo!

Meu muito obrigada a todos!

Epígrafe

“O motivo que me impulsionou foi muito simples [...] É a curiosidade — em todo caso, a única espécie de curiosidade que vale a pena ser praticada com um pouco de obstinação: não aquela que procura assimilar o que convém conhecer, mas a que permite separar-se de si mesmo. De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece?” (FOUCAULT, 1984, p.13).

RESUMO

Projeto de Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal de Santa Maria

YOU TUBE COMO PEDAGOGIA CULTURAL: ESPAÇO DE PRODUÇÃO, CIRCULAÇÃO E CONSUMO DE CULTURA SURDA

AUTORA: DAIANE PINHEIRO

ORIENTADORA: Prof.^a Dra. MÁRCIA LISE LUNARDI-LAZZARIN

Data e Local da Apresentação: Santa Maria, RS, 30 de Março de 2012.

Esta pesquisa propõe discutir produções culturais surdas a partir do espaço midiático *You Tube*, tomando tal contexto como um lugar de ensino, de demarcação cultural e de constituição de identidades. A cultura, na perspectiva à qual me filio para desenvolver este trabalho, está atravessada pelo processo discursivo e começa a ser estudada dentro de sua complexidade social, situada em uma arena de conflitos gerados pela busca de significação, que, portanto, fazem parte dos jogos das relações de poder/saber. Inserida nessas questões, direciono-me especificamente ao ambiente virtual *You Tube*, onde são postados vídeos de livre acesso aos internautas. A escolha desse espaço para busca da materialidade da pesquisa está relacionada com o significativo conteúdo cultural produzido e divulgado por sujeitos surdos. Busco, diante do discurso da diferença, investigar as estratégias de produção de sujeitos surdos na contemporaneidade, tomando os vídeos aqui analisados como dispositivos de produção. Foram escolhidos cinco vídeos inseridos em duas categorias analíticas, selecionadas com base em uma planilha catalogada que permitiu a visualização gráfica dos índices de produções culturais surdas, destacando os assuntos humor e educação. Nesse sentido, os direcionamentos que se seguem na pesquisa balizam a constituição dessas identidades no contexto midiático e a produção de significados que mantêm a diferença cultural surda. No campo humorístico, esses significados são colocados em circulação, produzindo representações que operam na lógica contemporânea, usando a comédia como estratégia para constituir outras identidades surdas, não menos culturais, mas talvez sobre outras verdades. No campo educacional, esses vídeos tensionam o sistema de ensino inclusivo, identificando ações legais como uma ameaça à constituição do sujeito cultural surdo. Esses tensionamentos ainda fazem sentido nestes tempos em que a inclusão toma o palco das discussões políticas educacionais na contemporaneidade. Fundamentada no campo dos Estudos Culturais em Educação, tomo os empreendimentos metodológicos da investigação a partir de uma postura de suspeita, evitando os engessamentos e métodos prontos e dando à pesquisa direcionamentos maleáveis.

Palavras-chave: produção cultural surda, negociação, consumo.

ABSTRACT

Master's Degree Project
Postgraduate Program in Education
Universidade Federal de Santa Maria

YOU TUBE AS CULTURAL PEDAGOGY: AREA OF PRODUCTION, CIRCULATION AND CONSUMPTION OF DEAF CULTURE

AUTHOR: DAIANE PINHEIRO

ADVISOR: Prof. Dr. MÁRCIA LISE LUNARDI-LAZZARIN

Date and Location of Presentation: Santa Maria, March 30 of 2012.

This research aims to discuss Deaf cultural productions from the media space *You Tube*, taking such context as a place of education, cultural demarcation, and for the constitution of identities. The culture, in the perspective which I take myself to conduct this work, is crossed by the discursive process and begins to be studied within its social complexity situated in an arena of conflicts generated by the search for meaning and, hence they are part of the games of the relations of power / knowledge. Inserted in these issues I direct it specifically to the virtual environment *You Tube*, where videos are posted for free access to internet users. The choice of this space to search the materiality of the research is related to the significant cultural content produced and released by deaf people. I seek, on the discourse of difference, to investigate the production strategies of deaf people nowadays, taking the videos here analyzed as output devices. Five videos inserted into two analytical categories were chosen, selected based on a cataloged spreadsheet that allowed a graphic display of the contents of cultural deaf, highlighting the humor and educational issues. Accordingly, the directions that follow in this research guiding the formation of these identities in the context of media and production of meanings is what keeps the deaf cultural difference. In the humoristic Field these meanings are put into circulation by producing representations that operate in contemporary logic, using comedy as a strategy to establish other deaf identities, not less cultural, but perhaps over other truths. In the educational field, these videos tighten the system of inclusive education, identifying such legal actions as a threat to deaf cultural constitution of subjects. These tensions still make sense in these times that the inclusion takes the stage of discussions in contemporary educational policy. Grounded in the field of Cultural Studies in Education, I take the methodological research projects from a posture of suspicion, avoiding immobilization and ready methods, giving malleable directions to the research.

Keywords: Deaf Cultural production, trading, consumption.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	12
CAPÍTULO I - FERRAMENTAS QUE BALIZAM A PRÁTICA INVESTIGATIVA.....	20
1.1 Operacionalizando conceitos.....	21
1.2 Contexto, processos e materialidade da pesquisa.....	25
CAPÍTULO II – A MÍDIA COMO ESPAÇO PEDAGÓGICO: CONSUMINDO E NEGOCIANDO A CULTURA SURDA.....	31
2.1 A mídia como produtora nos processos de significação.....	32
2.2 Negociação cultural: estratégia, articulações e conveniência.....	35
CAPÍTULO III – RIR DE SI E DOS OUTROS: A SURDEZ SATIRIZADA NO HUMOR.....	40
CAPÍTULO IV – EDUCAÇÃO COMO EFEITO DAS PRODUÇÕES CULTURAIS SURDAS NO CONTEXTO MUDIÁTICO.....	47
4.1. Cultura surda no processo de representação educacional.....	49
4.2 A mídia como artifício de representação cultural, educacional e política dos sujeitos surdos.....	48
4.3. A inclusão educacional como instrumento de produção e controle de sujeitos surdos.....	55
CAPÍTULO V - PRODUÇÃO E NEGOCIAÇÃO CULTURAL SURDA: CONSUMINDO OUTRAS IDENTIDADES.....	65
REFERÊNCIAS.....	71
ANEXO 2 - Planilha de catalogação de dados adaptada do projeto “Produção, Circulação e Consumo da Cultura Surda Brasileira” (em nível demonstrativo).....	76
ANEXO 1 – Vídeos digitalizados. Planilha completa de catalogação dos dados (digitalizada).....	80

APRESENTAÇÃO

Uma investigação está constantemente atravessada pelas memórias do pesquisador, o que caracteriza a produção de conhecimentos, fatos, ideias, sentimentos, conceitos e, principalmente, questionamentos, dando margem a um estudo que possibilite constituir interesses da pesquisa. Com isso, é possível aproximar minha trajetória do desenvolvimento desta pesquisa, tendo em vista meu histórico acadêmico atrelado ao tema da investigação e os caminhos percorridos em estudos sobre os enfoques teóricos dados ao campo da cultura surda.

No entanto, antes de introduzir minha temática, é importante trazer aqui um resgate do meu processo de estudos, os quais permearam mudanças significativas em meus direcionamentos teóricos. Esse caminho esteve marcado por questionamentos pessoais e inquietações que vieram a mexer com uma estrutura teórico-metodológica até então vigente em minhas pesquisas. Isso é possível constatar na construção (e uso esse termo porque construí com “tijolos”, posto um a um, ordenadamente) das minhas monografias¹ de especialização, onde busquei problemas a serem resolvidos, questões a desvelar e sentidos de verdades fixos e imutáveis.

Refiro-me aqui a dois trabalhos monográficos realizados no curso de especialização em Gestão Educacional e especialização em Educação Ambiental, ambos concluídos no ano de 2009 na Universidade Federal de Santa Maria. Tais pesquisas tomaram-me cerca de dois anos de atenção e dedicação, em um esforço constante para solucionar os problemas por mim levantados.

Na primeira monografia, tratei do processo de inclusão e da “nova função” da escola especial diante desse cenário educacional. Busquei articular as questões de gestão educacional, fazendo referências à Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (MEC/SEESP, 2008). No segundo trabalho, dediquei-me a olhar para a formação do professor educador ambiental, levantando questões que aproximavam as concepções de ensino e o campo da Educação

¹ As monografias realizadas para obtenção do grau de especialista em Gestão Educacional e Educação Ambiental tiveram os seguintes títulos, respectivamente: “Educação na perspectiva inclusiva: uma reflexão sobre o processo a partir das representações dos gestores de uma escola especial de Santa Maria-RS” e “A Educação Especial sob o enfoque conceitual e metodológico do curso de Educação Ambiental a distância da UFSM”.

Especial. Sob uma estrutura rígida e modelar, pautada em uma perspectiva crítica, concluí tais trabalhos incomodada com o que, no momento, parecia estar resolvido.

Não tirando a importância teórica que naquele momento escolhi, mas me autoquestionando sobre os direcionamentos metodológicos que “encilhei” dentro de tais pesquisas, permiti-me procurar caminhos que dessem outra perspectiva dentro da pesquisa educacional, onde o problema, as questões e os rumos não fossem pré-moldados. Em meados do ano de 2009, estava eu em busca de desse outro lugar.

Já introduzindo meus estudos na área da surdez, inserida no Grupo Interinstitucional de Pesquisa sobre Educação de Surdos (GIPES)² e filiando-me, assim, à perspectiva dos Estudos Surdos, vertente dos Estudos Culturais, pude enfim tomar outros direcionamentos que me aproximavam cada vez mais de minhas inquietações. Isso ia dando espaço não para respostas, mas para outra dimensão de pesquisa.

Desse modo, por meio das minhas colegas de grupo e minha orientadora e apoiada nas leituras foucaultianas, fui apresentada à perspectiva pós-estruturalista. Essa filiação teórica impulsiona um desconforto, questionando verdades e problematizando certezas.

(...) o que nos interessa é problematizar todas as certezas, todas as declarações de princípios. Isso não significa que se passe a viver num mundo sem princípios, em que vale tudo. Isso significa, sim, que tudo aquilo que pensamos tem de ser contínua e permanentemente questionado, revisitado e criticado (VEIGA-NETO, 2007, p. 34).

Esse caráter transgressor e descentralizado do pós-estruturalismo permite-nos fazer o movimento de desconstruir as metanarrativas e de passar a produzir outros significados, talvez em outras verdades, porém, menos pretensiosas ou universalizantes.

Assim, reviso aquilo que já pensei e questiono o que e como já escrevi. Direcionada a esses novos caminhos investigativos, sigo com outro olhar meu processo de pesquisa.

² O GIPES foi criado em 2006, tendo como característica a pesquisa interinstitucional. Seu histórico acadêmico científico está diretamente relacionado às atividades desenvolvidas no Núcleo de Pesquisa e Políticas Educacionais para Surdos (NUPPES), coordenado até 2006 pelo prof. Dr. Carlos Bernardo Skliar na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A continuidade desses estudos, culminando na criação do GIPES, foi dada pelos professores membros do NUPPES, que hoje se inserem em diferentes universidades, encabeçando estudos na área da surdez. As discussões do GIPES deram origem a uma investigação sobre a situação educacional dos sujeitos surdos em diferentes regiões do Estado do Rio Grande do Sul. Tais levantamentos permitiram visualizar o atual cenário da educação de surdos no Rio Grande do Sul.

Nesses enfrentamentos, cabe a discussão das produções discursivas que tomam sentidos de verdades em uma constante disputa pela significação. Esse entendimento está imbricado no jogo cultural, onde o outro é inventado, constituído e, portanto, significado.

Cabe neste momento articular minha intenção de pesquisa ao contexto da cultura surda. Ao fazer um recuo em relação à surdez, é preciso situar a comunidade surda em uma luta política e social para ser compreendida como produtora de culturas e identidades próprias. Nesse sentido, a cultura surda é significada cotidianamente de forma a produzir identidades em sujeitos que experienciam o mundo visualmente por meio da língua de sinais.

Silva (1999) entende que esse pertencimento social, caracterizando-se como o conjunto de grupos diferenciados, com suas particularidades, configura uma sobreposição entre identidade e diferença. O autor afirma que

A cultura é um campo de produção de significados no qual diferentes grupos sociais, situados em posições diferenciais de poder, lutam pela imposição de seus significados à sociedade mais ampla [...]. A cultura é um campo onde se define não apenas a forma que o mundo deve ter, mas também a forma como as pessoas e os grupos devem ser. A cultura é um jogo de poder (SILVA, 2001, p. 133-134).

O sentido de poder, nessa concepção, é arquitetado como transitório, sendo ele o resultante e promovedor das relações que se estabelecem. As relações de poder, ao produzirem sentidos, dão margem para “ações construtivas – tanto em formações sociais mais amplas quanto em espaços e usos locais –, atuando como forças históricas” (FISCHER, 2002, p. 86).

Tal compreensão teórica está atravessada por constantes questionamentos e problematizações, em que não se buscam ou definem verdades. Foucault (1995a) destaca que o discurso pode ou não caracterizar um processo de cadência, sendo que sua mobilidade está constantemente atravessada por outros discursos efêmeros.

Ao tratar das relações de poder e saber, pensando em algo produzido discursivamente, é possível entender que a constituição de um desenvolvimento social, cultural e político está implicada nessas noções. Dessa forma, há um constante conflito no campo discursivo das relações sociais, sendo que, ao resultante desse processo, cabe o exercício do poder. É possível compreender também, nessa direção, que a instância cultural está sempre atravessada por esse

processo discursivo, estando situada em uma arena de conflitos gerados pela busca de significação social, que, portanto, fazem parte dos jogos de relações de poder/saber.

Nesse sentido, tratar da produção de identidades remete às redes discursivas compiladas nas relações de poder, que estabelecem confrontos na busca de significação nas práticas sociais. O poder toma sentido na trama discursiva, ditando verdades, definindo contextos culturais e identidades, dando “lugar” à diferença. O poder é gerado por um confronto de forças em que, atrelado ao saber, tomará sentido para ditar verdades que se configuram como “normas”. Para Costa, Silveira e Sommer (2003, p. 49),

Quem tem o poder de instituir a norma – a identidade – a impõe aos ‘outros’ – a diferença. O pólo narrativo, aquele que conta a história, que diz como o outro é ou deve ser, é a agência hegemônica da identidade, que marca a diferença do ‘outro’ em relação a si próprio.

Yúdice (2004) corrobora essa ideia quando utiliza o conceito de “força performativa” para justificar as práticas sociais dentro de uma lógica de desempenho do que foi sugerido como socialmente correto. Segundo o autor, “identidade e entidades de realidade social são constituídas pelas repetidas aproximações de modelos (...) bem como por aqueles resíduos (...) que são insuficientes” (YÚDICE, 2004, p.53). No entanto, destaca ainda que essa força é experienciada de formas diferentes, em diferentes contextos.

Esse lugar que dita as “regras”, que demarca as verdades a serem seguidas e, portanto, que produz identidades está na ordem do poder e saber. De acordo com Yúdice (2006, p. 12), “a cultura, além de ser transcendência, enaltecimento e identidade compartilhada, é também delimitação, que apoia hierarquias e relações de poder”.

Entender a cultura no contexto de produção de identidade e diferença, articuladas ao jogo das relações de poder/saber, aproxima-me da perspectiva dos Estudos Culturais. Essa abordagem teórica pode ser pensada como um campo não-homogêneo, sob a análise de produtos culturais de determinada prática social em seus múltiplos e diferentes textos³.

³ O termo “textos” é referido por Costa, Silveira & Sommer (2003, p.38) como “todas as produções culturais que carregam e produzem significados”.

É sob essa abordagem teórica, de produção de significados, que problematizo os processos de reafirmação da cultura e identidade surda. Cabe discutir como esses processos de significação e produções são inventados. A linguagem fabrica o significado e a produção do que inventamos como cultura surda. A virada linguística entende a linguagem como o processo de significação, como produtora de discursos que criam realidades. A linguagem é, portanto, o meio pelo qual atribuímos sentido ao mundo. Nessa direção, a cultura torna-se central, pois a linguagem é central – “estamos sempre e irremediavelmente mergulhados na linguagem e numa cultura, de modo que aquilo que dizemos sobre elas não está jamais isento delas mesmas” (VEIGA-NETO, 2005, p. 14).

Nesse contexto, em que a linguagem toma um lugar de produção, afastando-se de uma ideia reducionista de simples comunicação, o surdo é inventado pela sua diferença linguística, sendo produto também da minha invenção, da minha significação sobre eles. São as outras formas de representar os sujeitos surdos e como eles produzem a si mesmos o que me interessa investigar nesta pesquisa.

É a partir desse deslocamento teórico que articulo minha pesquisa na perspectiva social e de legitimidade cultural dos sujeitos surdos. Inserido em um projeto onde são levantados artefatos de significação de identidade surda no Brasil⁴, este estudo pretende discutir o consumo da cultura surda pelas comunidades surdas como forma de demarcação de espaço e poder. Essas questões, imbricadas em uma rede discursiva que produz significados, trouxeram-me algumas inquietações: em que espaço essa produção cultural está ocorrendo, de que forma, com quais intenções e quais efeitos?

Envolvida nesses questionamentos, direcionei-me especificamente ao ambiente virtual *You Tube*, em que são postados vídeos de livre acesso aos internautas. A escolha desse espaço está relacionada ao significativo conteúdo artístico cultural produzido e divulgado por sujeitos surdos. Por direcionamentos do projeto maior no qual atuo, esse contexto investigativo tomou prioridade nos levantamentos analíticos do grupo da Universidade Federal de Santa Maria. No processo de levantamento de dados, pude direcionar meu olhar às estratégias utilizadas pelos artistas surdos para manterem-se na diferença cultural. Esse olhar

⁴ Esse projeto, denominado “Produção, circulação e consumo da cultura surda brasileira”, de cunho interinstitucional, visa a fazer um levantamento das produções culturais que estão significando a cultura surda brasileira.

permitiu pensar nos meios de negociação e consumo da cultura surda em um contexto de grande circulação de significados, como o *You Tube*, articulando a isso a conveniência das produções surdas no cenário contemporâneo. Também foi possível pensar questões relativas ao campo educacional que legitimam o posicionamento da comunidade surda e demarcam aspectos representativos desses sujeitos. São produções discursivas de resistência⁵ surda que consomem a cultura para reafirmar sujeitos culturais, que assim são representados no campo social e educacional.

A ideia de consumo, a qual articulo como um objeto de análise desta pesquisa, está no sentido de apropriação, de uso da cultura, em busca de uma reafirmação em um espaço/tempo, demarcando como determinados artifícios culturais posicionam os sujeitos surdos nesse lugar. Articulando esse entendimento ao contexto dessa pesquisa, parto de algumas palavras de Canclini, em entrevista concedida a revista *Caderno de Leitura Edusp* (2007, s/p), para operacionalizar com esse conceito

O consumo de qualquer produto, e também o de bens culturais, é o momento final do ciclo econômico, que inclui a produção e a circulação. No campo da cultura falamos de consumo, mas também de apropriação, para nos referirmos ao caráter ativo e a possíveis reapropriações e modificações que o consumidor pode fazer ao receber um programa de televisão, ler um romance, ou relacionar-se com uma mensagem na Internet. (...) O consumo costuma referir-se às necessidades dos consumidores, mas igualmente aos desejos, outros tipos de disposições dos sujeitos que não são simplesmente necessidades.

A partir desses entendimentos, me propus a problematizar: **Como as produções culturais surdas constituem modos de ser surdo na contemporaneidade?** Tal questionamento levou-me a analisar a circulação e o consumo da cultura surda no ambiente virtual *You Tube*, entendendo esse contexto midiático como pedagogia cultural⁶. Dessa forma, olho para os vídeos ali produzidos, como estratégias de negociação dos surdos para constituírem-se e legitimarem-se culturalmente nestes tempos. Proponho analisar como a cultura surda vem sendo negociada e consumida por artistas surdos, tomando essas produções culturais como arranjos articulados às novas formas de ser e de constituir-se no cenário

⁵ Essas forças de resistências estão sempre articuladas com as relações de poder. Segundo Vilela (2006, p. 117), “a resistência ocorre onde existe poder, pois ela é inseparável das relações de poder. A um tempo só, a resistência funda as relações de poder, sendo, também, o resultado dessas mesmas relações”.

⁶ O sentido em que abordo o entendimento de uma pedagogia cultural está relacionado concepção de modos de produção de saberes, verdades, identidades e, portanto, sujeitos.

contemporâneo. Nessa direção, busco analisar, dentro de uma materialidade discursiva, as formas como a cultura surda vem sendo produzida, negociada e consumida por esses sujeitos, inventando modos de ser surdo na contemporaneidade.

No entanto, não procurei um problema a ser solucionado, desvendado e engessado dentro desta pesquisa. Produzi meu problema e nele fui produzida. Esses entendimentos remetem a uma descaracterização organizativa e fixa da minha pesquisa, dando-lhe direções maleáveis.

Portanto, a identidade surda, bem como os questionamentos, produções e investigações acerca da cultura dos sujeitos surdos, toma nesta pesquisa um direcionamento próprio, de caráter pessoal, partindo dos olhares e conhecimentos que eu, investigadora, possuo e vou agregar sobre tais abordagens. Isso toma forma quando se interpreta o estudo a ser feito como outra perspectiva de investigação, em que se buscam outros caminhos a serem sempre discutidos e problematizados, sem a procura por verdades, mas pelas relações de poder/saber que as naturalizam como imperativos no cenário contemporâneo.

Para colocar em movimento meus direcionamentos teórico-metodológicos nesse campo investigativo, procurei sistematizar a pesquisa de forma a levantar referências analíticas ao longo da investigação. No capítulo I, “Ferramentas que balizam a prática investigativa”, apresento os caminhos metodológicos e os conceitos que estão operando na minha prática. Procuro direcionar os caminhos que tomei nessa pesquisa e os processos de levantamento, catalogação, agrupamento e reagrupamento de materiais.

No Capítulo II, “A mídia como espaço pedagógico: consumindo e negociando a cultura surda”, atento para a análise geral dos dados apresentados, direcionando meu interesse ao contexto midiático de circulação dos vídeos. Proponho-me a olhar para o ambiente virtual YouTube como um espaço de negociação e consumo de identidades, articulando esse contexto à noção de uma pedagogia cultural.

Prosseguindo com alguns apontamentos abordados nesse momento da pesquisa, apresento o Capítulo III, “Rir de si e dos outros: a surdez satirizada no humor”. Intenciono abordar o gênero humorístico como estratégia de negociação e consumo de produções culturais surdas no contexto contemporâneo.

No Capítulo IV, “Educação como efeito das produções culturais surdas no contexto midiático”, proponho a análise de três vídeos que se inserem na categoria

selecionada: educação. Busco articular essa discussão ao processo de formação de cultura surda e suas implicações no modelo educacional atual. Problematizo a produção das identidades surdas no campo da educação desses sujeitos, considerando as significações culturais envolvidas nesse processo. Tomo tais vídeos como um efeito das produções culturais surdas atualmente em circulação no ambiente virtual *You Tube*, considerando-as em uma mesma ordem estratégica de constituição de sujeitos surdos no cenário contemporâneo.

O último capítulo desta dissertação, intitulado “Produção e negociação cultural surda: consumindo outras identidades”, tem por objetivo fazer uma discussão final sobre a materialidade de pesquisa, entendendo a negociação como estratégia de consumo dos significados ali produzidos. No entanto, evito conclusões precisas, procurando trazer uma visão de análises que partem de verdades produzidas por esta investigação. Dessa forma não-conclusiva, penso em outras estratégias de produção de sujeitos surdos na contemporaneidade, produzindo, com isso, outros caminhos de pesquisa.

CAPÍTULO I

FERRAMENTAS QUE BALIZAM A PRÁTICA INVESTIGATIVA

Discorro neste momento sobre as escolhas e caminhos percorridos e arquitetados nos meus processos de pesquisa. Torna-se preciso, portanto, relembrar algumas passagens decisivas nos direcionamentos que se seguiram para constituir esta investigação.

Articulados ao contexto das produções culturais surdas, apporto conceitos que funcionaram no desenvolvimento desta pesquisa e que se colocam como ferramentas a serem manipuladas e usadas de forma conveniente nas operacionalizações que se seguem. No entanto, não iniciei a investigação com a escolha dessas ferramentas – fui engendrando cada função na pesquisa, pois parto do entendimento de Veiga-Neto (2010, p.17) de que, “antes de pegar um alicate, examine se a tarefa não é apenas pregar um prego”.

Não segui passos, caminhos prontos ou estruturados. Constituí esta pesquisa produzindo-a e sendo também produzida por ela a todo o momento, nas escritas, nas leituras, nos problemas e em outros eventos que ocorreram durante esse processo. O que entendo é que todos esses movimentos de pesquisa não são etapas, mas acontecimentos que se colocam como uma conjuntura investigativa onde as ferramentas, conceitos, problemas e teorizações operam inseparavelmente.

Foi em meio a esses acontecimentos de pesquisa que redirecionei alguns apontamentos. Repensar a pesquisa por meio da qualificação de projeto permitiu a abertura de outras brechas, outras ideias, as quais resultaram em algumas renúncias e na tomada de outros caminhos. Com isso, descentralizo a pesquisa do terreno educacional e olho para outras estratégias de produção de sujeitos que se destacam no levantamento de dados. Tal missão não foi aqui descartada, e sim repensada por sugestões da banca examinadora. Tomo, portanto, o campo educacional como um efeito das produções culturais surdas, e não mais como uma análise conteudista dos vídeos. Dessa forma, pude olhar para obras de outros gêneros, como o humor, as quais também se destacam pela grande incidência no *You Tube* e apontam estratégias de produção cultural surda para ditar modos de ser, agir e representar-se nos tempos atuais.

Para justificar essas escolhas, dedico-me, em um segundo momento deste capítulo, a delinear o corpus empírico da investigação, dando sentidos que inferem sobre o espaço, os dados e os direcionamentos analíticos da pesquisa.

1.3 Operacionalizando conceitos

Como muitos acadêmicos de mestrado, minha ideia inicial de pesquisa foi revista. Isso se deveu especificamente ao meu vínculo como bolsista no projeto interinstitucional denominado “Produção, Circulação e Consumo da Cultura Surda Brasileira”⁷. A esta pesquisa, coube-me significativa dedicação; por esse motivo, aliei meu interesse particular no desenvolvimento desta dissertação.

O projeto, elaborado e coordenado pelas pesquisadoras Prof^a. Dra. Lodenir Karnopp, Prof^a. Dra. Márcia Lise Lunardi-Lazarin e Prof^a. Dra. Madalena Klein, tem como principal objetivo fazer um mapeamento de produções culturais de pessoas surdas no Brasil, dando direcionamentos investigativos a contextos onde se evidenciam essas produções. A coleta de dados dá-se através de levantamentos prévios, bem como pela busca por produções em diferentes estados brasileiros onde se destacam movimentos surdos organizados (KARNOPP, KLEIN, LUNARDI-LAZZARIN, 2009). Prioriza-se a busca por registros visuais, abordando categorias artísticas como vídeos, encenações, piadas, escritas e traduções da língua de sinais e demais manifestações de pessoas surdas que balizam a constituição de identidades.

A inserção nesse projeto permitiu-me fazer um movimento de aproximação teórica com meus interesses pessoais de pesquisa.

Para tanto, filia-se ao campo dos Estudos Culturais por entender a cultura como campo de luta em torno de significação social e aos Estudos Surdos, por conceber a cultura surda como espaço de contestação e de constituição de identidades e diferenças que determinam a vida de indivíduos e de populações. Afinados a esses campos epistemológicos, pesquisadores envolvidos com a educação de surdos têm potencializado discussões para além do campo disciplinar da Educação, colocando as questões culturais como um *locus* privilegiado de análise e de problematização (KARNOPP, KLEIN, LUNARDI-LAZZARIN, 2009, p. 2).

⁷ O Projeto “Produção, Circulação e Consumo da Cultura Surda Brasileira” faz parte do programa pró-cultura do Ministério da Cultura (MIC). Tal projeto é financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

A cultura é tomada aqui como um processo discursivo, como uma invenção da linguagem que produz identidades em uma arena de significados – significados esses produzidos e articulados em um jogo de poder/saber. Para Foucault (1995b, p. 30), “(...) não há relações de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder (...)”. A cultura é, portanto, um campo de produções onde o conflito e a resistência na busca pelo poder instituem significados e legitimam um lugar social e político. São formas de produzir outras verdades legítimas de serem adotadas e seguidas, pois, “ao falarmos sobre as coisas, nós as constituímos” (VEIGA-NETO, 2007, p. 31).

Esse entendimento corrobora minha incursão na perspectiva pós-estruturalista, desconectando concepções absolutas e imutáveis sobre o processo de constituição cultural e de identidades. Questiono, com isso, as ideias fixas e engessadas postas pela Modernidade e demarco minha posição e atitude de pesquisa.

O processo metodológico é o de alquimia mesmo, resultando daí uma bricolagem diferenciada, estratégica e subvertedora das misturas homogêneas típicas da modernidade. Alquimia que rompe com as orientações metodológicas formalizadas na e pela academia (...) (CORAZZA, 2007, p. 118).

Inserida nessa perspectiva, fica inviável formatar procedimentos específicos a serem seguidos. Trata-se de outro olhar sobre as convenções metodológicas, tomando aqui um caráter flexível de pesquisa, “algo como um conjunto de procedimentos de investigação e análise quase prazerosos, sem maiores preocupações com regras práticas aplicáveis a problemas técnicos” (VEIGA-NETO, 2005, p.20). Nessa lógica, entende-se que todos os conceitos desta pesquisa operam metodologicamente.

Há possibilidade de combinações de diferentes estratégias investigativas, articuladas no desenvolvimento da pesquisa. Utilizo-me das palavras de Corazza (2007, p.120-121) para afirmar que não podemos definir critérios “(...) que autorizem alguém a selecionar esta ou aquela metodologia (...). Justo porque não é por tal ou qual método que se opta, e sim por uma prática de pesquisa que nos ‘toma’, no sentido de ser para nós significativa”. Porém, essa característica não demanda uma

forma metodológica totalmente livre e despreocupada, exigindo que se estabeleça uma preparação teórica e prática para a realização do trabalho.

A partir desses direcionamentos teóricos, compus o corpus analítico da minha pesquisa, mas sem delimitar caminhos prontos ou previsíveis. Falar de estruturas sai da lógica de pesquisa compreendida pelos Estudos Culturais na perspectiva pós-estruturalista. Articulo essa compreensão ao uso da “caixa de ferramentas”, onde os instrumentos me são válidos à medida que se dá a prática de pesquisa. Corazza (2007, p.119) exemplifica o lugar que essas escolhas nos colocam,

Pois, se de um lado possuem uma variada e desarrumada caixa de ferramentas, por outro já sabem (...) o quanto de sufocante e improdutivo pode ser um depósito, onde cada tipo de ferramenta é arranjado em sua respectiva prateleira etiquetada.

Nesse sentido, não elenquei instrumentos para realizar esta pesquisa, nem modelos metodológicos para serem “encilhados”, pois parto do entendimento da autora de que “nenhuma metodologia é ‘a sua’, assim como nenhuma pode ser privilegiada e empregada como garantias sobre como responder as questões de dados contextos (...)” (CORAZZA, 2007, p.119).

No contexto que projeto para realizar esta dissertação, tornou-se importante marcar o espaço da comunidade surda dentro da lógica da diferença cultural e dessas produções de significação própria, de pertencimento, de diferenciação linguística. A identidade surda, assim como qualquer outra, é produzida discursivamente de acordo com o local histórico e institucional em que se encontra.

Esse pertencimento cultural não é entendido como algo fixo, delimitado, mas sim dentro de uma lógica de hibridismo, onde se criam vínculos históricos e assimilação comuns, mas exercendo um processo particular de diferenciação. “Devemos ver formas híbridas como o resultado de encontros múltiplos (...), quer encontros sucessivos adicionem novos elementos à mistura, quer reforcem os antigos elementos” (BURKE, 2003, p. 31). Somos constituídos de um processo tão dinâmico que não podemos determinar identidades estabilizadas. Bhabha (2001, p. 63) argumenta que “(...) a diferença cultural é o processo da *enunciação*⁸ da cultura como ‘conhecível’, legítimo, adequado à construção de sistemas de identificação cultural”. Ou seja, não se trata de um sincretismo de identidades, e sim de um processo de constante mudança e adaptabilidade, para assim manter-se diferente.

⁸ Grifo do autor.

Pensar, portanto, na produção de identidades dentro de um contexto cultural, demarcando um espaço de diferença, traz a necessidade de outro olhar sobre o conceito de cultura. Para isso, assumo os Estudos Culturais como abordagem teórica dessa pesquisa, entendendo a cultura como arena de lutas pela aceção social.

A cultura, alojada no campo discursivo, não é mais arquitetar como nivelamento social, intelectual ou estético; ela começa a ser estudada dentro de sua complexidade social. Não mais vista apenas como transcendência de herança cultural, a cultura torna-se território de disputas entre poder e saber. Esse entendimento, caracterizado pela centralidade da cultura, pode ser exemplificado em grupos que ocupam diversas posições de poder, lutando pela sua significação.

Essa compreensão vem sendo compartilhada e levantada por diferentes teóricos, dentre eles, Stuart Hall e Néstor Canclini, os quais, dentro dessa abordagem, reafirmam a emergência de uma “virada cultural”. Esta aponta o poder engendrado em discursos hegemônicos que estão na ordem da cultura.

(...) a cultura é agora um dos elementos mais dinâmicos e mais imprevisíveis – da mudança histórica do novo milênio. Não devemos nos surpreender, então, que as lutas pelo poder deixem de ter uma forma simplesmente física e compulsiva para serem cada vez mais simbólicas e discursivas, e que o poder em si assuma, progressivamente, a forma de uma política cultural (HALL, 1997a, p. 20).

Isso se configura não apenas em simples manifestações culturais de um grupo específico, mas em seus artefatos de produção e consumo, dando sentidos de pertencimento que transitam nos campos culturais.

O sentido de consumo, neste trabalho, está arquitetado com o processo de significação social e de legitimidade cultural. Empregando esse termo como um contorno de uso, o consumo da cultura surda toma aceção quando as produções culturais surdas se tornam visíveis, acessíveis e aproveitadas como um modo de legitimar e significar a cultura surda. Canclini (2008, p. 70) pondera

Da mesma maneira, o consumo é visto não como mera posse individual de objetos isolados, mas como apropriação coletiva, em relações de solidariedade e distinção com outros, de bens que proporcionam satisfações biológicas e simbólicas, que servem para enviar e receber mensagens.

O autor aponta aqui o consumo materializado não como um mero domínio do objeto, mas como uma posse de significados que vão dando legitimidade aos artefatos de uma cultura. Pensar o consumo de uma forma mais abrangente é levar “em conta as múltiplas potencialidades dos objetos, que aproveitem seu virtuosismo semiótico nos variados contextos em que as coisas nos permitem encontrar com as pessoas” (CANCLINI, 2008, p. 71).

1.2. Contexto, processos e materialidade da pesquisa

Compreender, portanto, esses direcionamentos teóricos torna possível trazer o contexto e as objetivações desta pesquisa. Com o intuito de investigar processos de legitimação cultural surda, concentro meu interesse no ambiente virtual *You Tube*, onde as produções surdas são recorrentes, produzidas e consumidas. A escolha desse contexto também está vinculada ao projeto “Produção, Circulação e Consumo da Cultura Surda Brasileira”, sendo que ao grupo de pesquisa da UFSM foi delegada a investigação de produções culturais surdas em circulação livre na Internet. Frente a essa responsabilidade, direcionei minha atenção a esse contexto de pesquisa pela grande incidência de produções culturais surdas.

O *You Tube* é um espaço virtual, um *site* que possibilita aos internautas compartilhar vídeos em formato digitalizado. É considerado pelos visitantes como o *site* mais popular do gênero devido ao seu potencial na hospedagem de quaisquer vídeos. Segundo a revista norte-americana *Time* (2006, p.23 apud MAGALHÃES, 2010, p.15), esse ambiente “cria uma nova forma para milhões de pessoas se entreterem, se educarem e se chocarem de uma maneira como nunca foi vista”. Nessa lógica, o *You Tube* pode ser entendido como uma instância cultural onde se ensinam coisas, se produzem valores, representações e saberes, potencializando a noção de uma pedagogia cultural. Portanto, pode-se pensar o *You Tube* como um espaço de produção de identidades surdas, possibilitando também outras formas de interpretação e representação da condição surda. Silveira corrobora isso quando afirma que as práticas culturais na lógica das produções discursivas se unem “com a invenção, criação e estabilidade das práticas culturais em geral (...) assim como das identidades e representações produzidas por estas práticas” (SILVEIRA, 2005, p.198).

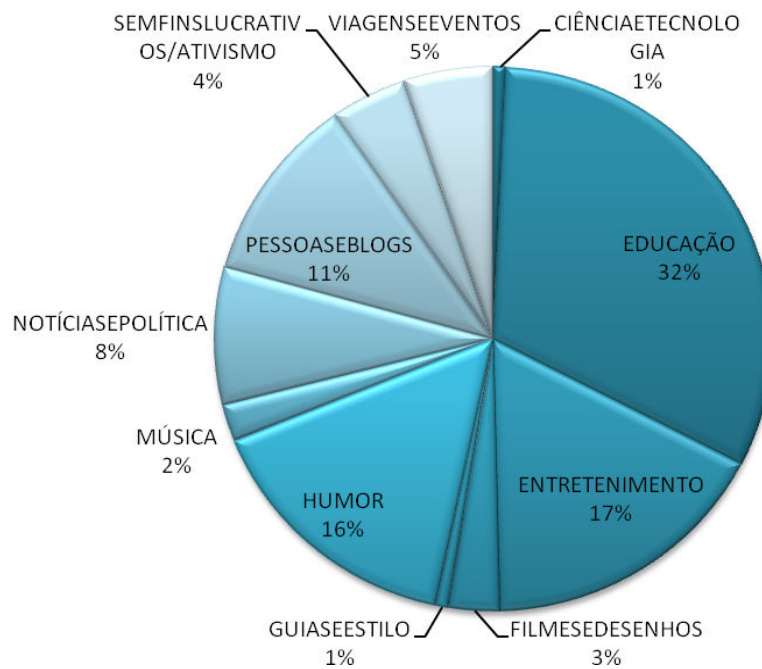
A Internet tem se tornado um instrumento de comunicação eficaz para os surdos, dando visibilidade às suas produções linguísticas, políticas e culturais. O *You Tube* assume um espaço significativo para a comunidade surda, não só na circulação e consumo, mas também como registro cultural desse povo. Torna-se, assim, um lugar de arquivamento onde os surdos podem produzir enunciados e se registrar historicamente em um tempo/espaço. Schallenberger (2010) faz uma comparação com a língua escrita dos ouvintes, que tem em livros seus registros históricos, alegando que a tecnologia virtual, como o *You Tube*, proporciona ao surdos essa marcação na mesma lógica ouvinte. O vídeos se colocam como registros culturais do povo surdo, partindo da experiência visual, artefato o qual também constitui essa cultura. Operam nessa lógica estratégias de significação cultural surda no contexto contemporâneo em que a conveniência do uso da cultura no campo tecnológico coloca esses sujeitos nesse jogo de relações.

Tomando essas inferências como importantes na legitimação do contexto de pesquisa que proponho, reporto-me, então, à operacionalização dos dados.

No levantamento direcionado ao projeto “Produção, Circulação e Consumo da Cultura Surda Brasileira”, foram coletados 136 vídeos, os quais apresentavam informações diversas que se caracterizam como produções culturais de pessoas surdas. Os dados foram categorizados em uma planilha⁹ sob uma análise específica de cada conteúdo. Tal planilha contempla informações sobre cada produção, permitindo direcionar estatisticamente questões como tipologia textual das obras, categorias de gêneros indicadas pelo submissor dos vídeos, palavras-chave, dentre outras.

Para justificar minhas escolhas dentre as diversas produções artísticas que se apresentaram através do projeto maior no qual atuo, apresento a categorização desses vídeos, escolhida pelo submissor da obra no *You Tube*, o que sugere o assunto relacionado ao conteúdo postado. Partindo de uma informação estatística, gerada com auxílio do programa Microsoft Excel e apresentada como dados quantitativos ao projeto maior, pude identificar algumas aproximações e incidências informativas entre as obras.

⁹ Tal planilha foi modelo de catalogação dos dados e elaborada pelo grupo de pesquisa envolvido no projeto “Produção, Circulação e Consumo da Cultura Surda Brasileira” (ver modelo no ANEXO 1).



Categorias	Distribuição	Frequência
Ciência e tecnologia	1	1%
Educação	43	32%
Entretenimento	23	17%
Filmes e desenhos	4	3%
Guias e estilo	1	1%
Humor	21	16%
Música	3	2%
Notícias e política	11	8%
Pessoas e <i>blogs</i>	15	11%
Sem fins lucrativos/ativismo	6	4%
Viagens e eventos	7	5%

O gráfico apresenta uma heterogeneidade de produções culturais surdas disponíveis no *You Tube*, destacando-se, dentre as demais categorias, assuntos relativos à educação, com 32%; ao entretenimento, com 17%; e ao gênero humor, com 16%. No contexto que abordo nesta pesquisa, privilegiei a coleta de quatro vídeos, os quais estão categorizados nos gêneros humor e educação, intitulados respectivamente como: “O Chamado surdo do terror”, “[Filme Surdo] Como matar os

maridos”, “Doutores de IC X LIBRAS - Parte 1”, “Teatro Alegria Surda” e “Já inclusão, não sei como vou viver”¹⁰. Tais produções serão referenciadas nesta pesquisa respectivamente como: vídeo A, vídeo B, vídeo C, vídeo D e vídeo E (ver ANEXO 2).

A organização dos dados em duas categorias distintas permitiu-me fazer outras observações, procurando, dentre esses vídeos, proximidades informativas que evidenciavam e destacavam discursos de resistência dos sujeitos surdos como meio de legitimação e reafirmação cultural nos tempos atuais. Resistência, articulada na ordem do poder, é entendida aqui não como oposição ou repressão, mas como criação e invenção da cultura (DELEUZE, 1991). Busco problematizar, a partir das produções culturais surdas, os processos de constituição desses sujeitos no campo cultural. Entendo tais vídeos como estratégias de produção de modos de ser surdo na contemporaneidade.

Tomando o *You Tube* como um espaço onde se produzem significados e, portanto, se ensinam modos de ser e entender o mundo, busco discutir os efeitos de produção, circulação e consumo da cultura surda nesse espaço virtual.

Também voltei minha atenção a produções que se direcionam ao universo surdo com vídeos sinalizados, porém, muitos contêm legendas, fundo sonoro ou narração, caracterizando o interesse dessas representações em atingir um público ouvinte.

A intenção aqui não é priorizar o conteúdo dos vídeos, mas a condição produtiva que legitima a cultura surda, não ignorando alusões à expressão de resistência do povo surdo dentro do campo educacional. Interessa-me pensar como a circulação, produção e consumo da cultura surda está operando nas formas de pensar a educação desses sujeitos.

Partindo desses procedimentos, alguns apontamentos já podem ser feitos. O ambiente virtual que apresento como fonte na busca de dados para esta pesquisa foi criado no ano de 2005. Três anos antes, era oficializada em território nacional a Língua Brasileira de Sinais;¹¹ a partir daí, se fortalece a militância surda em busca da legitimação linguística e cultural dos sujeitos surdos. Esse cruzamento permite trazer

¹⁰ Esses Vídeos podem ser encontrados atualmente nos seguintes endereços eletrônicos, respectivamente: <http://www.youtube.com/watch?v=G6uuA-1JAU>; <http://www.youtube.com/watch?v=OkMqbOulSUM>; <http://www.youtube.com/watch?v=PisobqsuEII>; <http://www.youtube.com/watch?v=vGvPI4egdNk>; <http://www.youtube.com/watch?v=MICMchBUFg8>

¹¹ Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.

um dado relevante para análise, sendo que o número de postagens de produções culturais surdas no ambiente virtual *You Tube* se evidencia a partir do ano de 2008. Corroborando essa observação, foi publicada no mesmo ano a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (MEC/SEESP, 2008), legitimando o processo de inclusão. É possível, portanto, articular esses acontecimentos com as produções culturais surdas voltadas ao campo educacional.

A ideia de identidade cultural dos surdos atrelada aos processos educacionais traz questionamentos inevitáveis que remetem aos diferentes espaços¹² de ensino dispostos a esses alunos. Isto é, há a necessidade de uma formação cultural dentro dos contextos escolares, sendo que tal desenvolvimento tem como suporte a comunicação e interação entre as crianças surdas, repercutindo no seu potencial cognitivo. Conforme Lopes (2007, p.83), a escola de surdos é “vista como um espaço de aproximação surda (...) como uma produção feita com a participação efetiva dos surdos para os próprios surdos”, evidenciando a facilitação do processo de reconhecimento do ser surdo e da apropriação cultural no seu contexto de ensino.

Para tratar das questões da surdez compreendida no campo da educação, proponho como aliados os Estudos Surdos, dando direcionamentos analíticos aos vídeos selecionados. Reafirmo meu discurso sobre a surdez e os processos educacionais desses sujeitos tomando as palavras de Skliar (1998, p.5) quando afirma que “(...) as identidades, as línguas, os projetos educacionais, a história, a arte, as comunidades e as culturas surdas são focalizadas e entendidas a partir da diferença, a partir de seu reconhecimento político”.

Nessa mesma direção, pensando as produções surdas a partir de uma diferença cultural, os vídeos de gênero humorístico registram estratégias dos sujeitos surdos para manterem-se dentro de uma lógica contemporânea. São processos de articulações e consumo cultural que fazem desses sujeitos produtos e produtores de modos de ser surdos nestes tempos, negociando sua própria cultura.

¹² **Referencio** esses contextos de ensino para levantar aspectos do processo de inclusão que estão sendo banalizados nos discursos das políticas públicas de educação inclusiva e diferenciar aqui o contexto da escola de surdos, que julgo ser o espaço condizente com o processo de significação cultural, linguístico e de identidade dos sujeitos surdos. Não me cabe aqui problematizar especificamente esses aspectos, mas sim as produções culturais levantadas na materialidade desta pesquisa, as quais também inferem uma marca de resistência no campo educacional, social e político da cultura surda.

Nesse sentido, os direcionamentos que se seguem nesta pesquisa balizam a constituição dessas identidades no contexto da cultura surda e a produção de significados que mantêm essa diferença. Parto de um olhar compreendido na lógica de um marcador surdo “que permite o contemplar-se (...) que permite o interesse por coisas particulares (...) o olhar como uma marca, é o que permite a construção de uma alteridade surda” (LOPES, VEIGA-NETO, 2006, p.81).

CAPÍTULO II

A MÍDIA COMO ESPAÇO PEDAGÓGICO: CONSUMINDO E NEGOCIANDO A CULTURA SURDA

Captura das subjetividades, para transformá-los em sujeitos. Captura dos saberes, para transformá-los em conhecimentos. Conformação. Identificação. Formatação. Estriamento.
(GALLO, 2005, p.218).

Com essas frases, o autor reporta-se à função da escola-máquina-de-Estado, que governa, regulamenta e, conseqüentemente, produz identidades e diferenças. Procuo, neste capítulo, discutir o processo de produção de identidades e como a diferença se articula nessa mesma ordem constitutiva. Para contextualizar o espaço ao qual me direcionei ao coletar os dados, busco discutir a constituição de identidades e representações produzidas pelas mídias, relacionando-as diretamente com o ambiente virtual *You Tube*, e as relações que os sujeitos surdos estabelecem nesse cenário.

O sentido de captura apresentado na citação inicial torna-se útil neste estudo, pois se articula ao contexto midiático, em que a cultura captura identidades, em um constante movimento de produção e reprodução de sentidos. Fischer (1997, p. 63) argumenta que “a mídia não apenas veicula, mas constrói discursos e produz significados e sujeitos”. Nessa lógica, a mídia passa a ser pensada aqui como um espaço pedagógico, promovendo um processo de ensino e aprendizado de conteúdos culturais.

A discussão empreendida neste capítulo refere-se, de um modo geral, aos vídeos selecionados para esta pesquisa, situando as aproximações analíticas sobre as obras consideradas e destacando a mídia como instrumento na negociação e consumo de identidades surdas.

2.1. A mídia como produtora nos processos de significação

Em um mundo líquido moderno, as identidades não são puras e eternas, podendo movimentar-se ou renascer através do câmbio de outras identidades (BAUMAN, 2006). A mídia toma destaque como acionista desse processo circular de representações, pois, nesse contexto, “somos confrontados por uma gama de

diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos (...) a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha” (HALL, 2006, p. 75). Nessa lógica, a constituição de identidades está diretamente atravessada pelas representações midiáticas, que as produzem, negociam e instituem. Esse instrumento de informação causa um deslocamento constante de lugares, impossibilitando a permanência em um território único de apropriação identitária. Garbin (2003, p. 121) afirma que

A mídia eletrônica se apresenta como um avanço tecnológico capaz de modificar nosso comportamento, com um discurso que se materializa em novas condições e possibilidades, em novos espaços e novas formas que ele assume.

A Internet toma agora um lugar para além das trocas ou encontros virtuais; é um lugar de produção de conhecimentos, culturas e identidades. É possível afirmar que o ambiente virtual *You Tube*, nesse contexto midiático, é uma rede social onde se estabelecem relações produtivas.

Os surdos, ao fazerem uso desse espaço como consumidores e produtores de sua cultura, estão fazendo circular representações, dando visibilidade à língua de sinais e promovendo um espaço de ensino, comunicação e relação com outros surdos e/ou ouvintes. Isso é possível também através da ferramenta de registros de comentários,¹³ disponibilizada abaixo dos vídeos, permitindo uma interação constante entre os usuários. Desse modo, os discursos que circulam são interpelados por diversas representações sobre tal produto, sob formas e espaços diferentes.

[...] a nova mídia eletrônica não apenas possibilita a expansão das relações sociais pelo espaço e pelo tempo, como também aprofunda a interconexão global, anulando a distância entre as pessoas e os lugares, lançando-os em um contato intenso e imediato entre si, em um ‘presente’ perpétuo, onde o que ocorre em um lugar pode estar ocorrendo em qualquer parte. [...] Isto não significa que as pessoas não tenham mais uma vida local – que não mais estejam situadas contextualmente no tempo e no espaço. Significa apenas que a vida local é inerentemente deslocada – que o local não tem mais uma identidade “objetiva” fora de sua relação com o global (DU GAY, 1994, p. 26).

¹³ É possível também avaliar os vídeos, bem como os comentários sobre tal conteúdo, clicando em ‘gostei’* ou ‘voto positivo’ e ‘voto negativo’, respectivamente. Segundo informações do *site*, os vídeos ou comentários mais votados tomam lugar de destaque abaixo do *play*.

*Nesse ambiente, não é apresentada a opção ‘não gostei’, sendo possível apenas assinalar, no quadro ilustrativo, um polegar direcionado para baixo, inferindo-se a reprovação do vídeo.

Os vídeos produzidos por surdos que inferem uma resistência cultural e política postos em circulação no espaço virtual do *You Tube* permitem um deslocamento de sentidos, em uma movimentação interpretativa sobre tais representações.

A mídia é, então, o espaço de ação que faz funcionar outras e novas representações culturais sobre os sujeitos surdos. A relação entre os mediadores surdos e o uso da mídia como ferramenta para fazer circular, produzir e consumir sua cultura pode ser articulada ao que diz Canclini (1998, p. 263):

[...] se a intersecção do discurso 'midiático' com outros mediadores sociais gera um campo de efeitos e esse campo não é definível só do ponto de vista da produção, conhecer a ação das indústrias culturais requer explorar os processos de mediação, as regras que regem as transformações entre um discurso e seus efeitos.

Esses efeitos que produzem cultura e identidades surdas estão articulados à noção de pedagogia cultural, considerando-se a mídia como produtora de conhecimentos, um lugar onde se ensinam e se aprendem coisas. Considera-se aqui a mídia como espaço educativo que dita maneiras de ser, de agir e de pensar as condições e representações sobre si mesmo e sobre os outros. Confere-se a esse espaço um significado educativo, pois as representações que são colocadas em circulação produzem identidades sociais. Nesse caso, as produções culturais surdas estão constituindo valores, maneiras de pensar e representar os significados sobre si mesmo, produzindo, enfim, outras identidades individuais. Quanto a isso, Fischer (1997, p. 61) argumenta que a mídia se coloca "(...) como produtora de saberes e formas especializadas de comunicar e de produzir sujeitos, assumindo nesse sentido uma função nitidamente pedagógica".

Na perspectiva dos Estudos Culturais, as "novas tecnologias" tomam papel central na produção, circulação e consumo do conhecimento e informações. Essa concepção rompe com as verdades inventadas na Modernidade sobre os meios de comunicação de massa. Tais verdades vêm representando as mídias como meros instrumentos de manipulação e controle social, entendendo que se exerce uma influência sobre os corpos, às vezes minimamente percebida, mas perversa, manipuladora e oculta.

Os Estudos Culturais compreendem que os espaços midiáticos permitem o entretenimento, instituindo ao mesmo tempo verdades a serem seguidas e tomadas

para si na produção de identidades e diferenças. O olhar que essa filiação teórica lança sobre a interferência dos meios de comunicação na invenção de significados legítimos, pois circulam em meio a relações de poder/saber, tem se preocupado com os efeitos das relações que se estabelecem nesse contexto. Tais relações de produção, circulação e consumo estão na ordem constitutiva das coisas, sendo os significados legitimados nas representações. Trata-se, portanto, de um movimento produtivo onde se inventam coisas a serem adotadas, a serem subjetivadas.¹⁴

Esses efeitos indutivos entram na lógica do espaço investigativo desta pesquisa. O *You Tube*, autodenominado como uma comunidade midiática, é um artefato onde circulam diferentes conjuntos de práticas culturais. Esse ambiente virtual, tratando-se de uma rede social de livre acesso aos internautas, não permite um espaço totalmente livre e irrestrito, sendo que o autor dos vídeos se coloca como produtor e produto de representações, bem como das relações de poder nas quais se insere. Segundo as diretrizes da comunidade, dispostas no *site* oficial do *You Tube*, todo conteúdo postado nesse espaço de interação é avaliado conforme critérios éticos e morais da sociedade. A violação de tais critérios resulta na remoção do vídeo postado. Essa estratégia de regulação restringe os conteúdos e estabelece uma regra a ser seguida, como forma de normalizar o espaço e torná-lo aceitável socialmente. Infere-se, portanto, que o grande número de produções surdas nesse *site* pode estar relacionado ao grau de confiabilidade, legitimidade e circulação no qual esse ambiente se aplica, tomando dimensões de consumo maiores.

Na conjuntura de interação e comunicação desse ambiente, além de comentários sobre o conteúdo assistido e a indicação de vídeos a outros interessados, é possível também acessar a ferramenta “sugestões”, que possibilita ao internauta acesso a vídeos relacionados à categoria. Tal categorização é escolhida pelo submissor do vídeo, o qual sugere o assunto relacionado ao conteúdo postado. Esta pesquisa direciona-se às categorias humor e educação, que

¹⁴ Acho conveniente, neste momento, pontuar que entendo a mídia como um dispositivo de governamentalidade neoliberal, produzindo discursos que se fazem valer na sociedade contemporânea. Dessa forma, os contextos midiáticos estão na mesma ordem constitutiva das coisas, regulando, governando e, portanto, instituindo maneiras de conduzir a si mesmo e aos outros. Veiga-Neto (2006, p.23) infere que “tais técnicas são de dominação e de poder. Quando se dão de alguém sobre si mesmo (...) se trata de técnicas de si”. No entanto, não pretendo olhar nesta pesquisa especificamente para esses efeitos, mas sim para os vídeos produzidos por sujeitos surdos que circulam no contexto midiático *You Tube*. Acredito que tal abordagem possa ser mais bem aprofundada adiante, em outro empreendimento teórico.

se destacam nas produções analisadas pelo projeto “Produção, Circulação e Consumo da Cultura Surda Brasileira”, já mencionado.

Pensar, então, no processo de interação e conexões estabelecidas entre os usuários por meio dessas ferramentas remete à constituição de uma comunidade midiática específica, o que implica uma conjuntura de interesses em comum.

A noção de comunidade é tratada por Bauman (2003, p. 9) como um local de proteção que estamos incessantemente buscando. Segundo o autor, essa expressão “soa como música aos nossos ouvidos. O que esta palavra evoca é tudo aquilo de que sentimos falta e de que precisamos para viver seguros e confiantes”. Nessa lógica, os surdos se reúnem em comunidades midiáticas como o *You Tube* para assegurar um movimento cultural que lhes permite tomar posições e inventar verdades inscritas em identidades voláteis. A inserção em uma comunidade midiática traz outras formas de constituição de identidades¹⁵ em que o descompromisso com tais artefatos é mais evidente e possível, ou seja, não há uma obrigatoriedade ou contrato de permanência, nem mesmo de um compromisso assumido com tal cultura, tornando as identidades fluídas.

Identidade significa aparecer: ser diferente e, por essa diferença, singular – e assim a procura da identidade não pode deixar de dividir e separar, no entanto a vulnerabilidade das identidades individuais e a precariedade da solitária construção da identidade levam os construtores da identidade a procurar cabides em que possam, em conjunto, pendurar seus medos e ansiedades individualmente experimentados e depois disso, realizar ritos de exorcismo em companhia de outros indivíduos também assustados e ansiosos (BAUMAN, 2003, p.21).

Não significa que a assunção dessas identidades passageiras não adquira formas de representar significados legítimos ou apresentados como verdadeiros. O agrupamento, ou procura por coisas em comum dos sujeitos surdos no ambiente virtual do *You Tube*, toma o sentido desses chamados cabides, em que os efeitos produzidos por essa conjuntura podem gerar invenções e representações que se materializam nas lutas sociais dos sujeitos. Essas manifestações culturais surdas, produzidas e postas em circulação na mídia, inventam sentidos que operam sob práticas representativas que se manifestam em movimentos de resistência cultural e política.

¹⁵ Hall (1997a, p.23) sistematiza uma possível assunção de ciber-identidades, decorrentes da participação em comunidades da Internet, “substituindo a necessidade de algo tão complicado e fisicamente constrangedor como é a interação real”.

2.2. Negociação cultural: estratégia, articulações e conveniência

Estar imerso em uma cultura, nela produzir significados e ser também produzido nesse contexto está na ordem da constituição de identidades. A identidade pode ser considerada um efeito de pertencimento a uma cultura, constituindo-se através dos significados e representações que emergem do discurso. As identidades, formadas culturalmente e constituídas dentro do sistema de representações, resultam de um posicionamento individual dentro de uma lógica formada e posta por discursos culturais.

Nessa direção, é possível pensar a cultura como esse espaço de produção de identidades. No entanto, não há identidades fixas, imutáveis, em um único lugar identitário. Para Bauman (2006), mesmo as identidades sendo um efeito de pertencimento cultural, elas são, contraditoriamente, instáveis. Isso se afirma pelos deslocamentos de verdades e, conseqüentemente, de representações que nunca serão permanentes ou engessadas no circuito das produções de significados. Entende-se que os efeitos identitários são originados da circulação e movimentação contínua de sentidos, pois “somos incessantemente forçados a torcer e moldar as nossas identidades, sem ser permitido que nos fixemos a uma delas, mesmo querendo” (BAUMAN, 2006, p. 96-97).

A produção de identidades surdas está atravessada pelas diferentes representações que se constituem e se reformulam dentro de sua cultura própria. Ao produzirem artefatos culturais que representam e legitimam o cenário cultural no qual se inserem, os surdos estão também se reafirmando nesse espaço como sujeitos identitários, interpretando e reinterpretando os significados ali produzidos. A circulação dessas produções possibilita o consumo de outras identidades que podem ser assumidas em experiências particulares.

Pelos olhos de Foucault (1990), os micropoderes que se estabelecem em diferentes instâncias sociais dentro de um tempo/espaço promovem as lutas pela legitimação de verdades. Essas verdades, relativas e instáveis, são produções discursivas que constituem identidades e definem o que o sujeito é ou não, em uma constante reconfiguração situada por micropoderes.

A vontade pela instituição de outras verdades sobre si mesmos coloca os sujeitos surdos nesse local de resistência, na busca pela significação de verdades e, portanto, na busca pelo saber/poder, para assim legitimá-las. Usando as palavras de

Foucault (1990 p. 249), “de modo geral, penso que é preciso ver como as grandes estratégias de poder se incrustam, encontram suas condições de exercício em micro-relações de poder”.

Nos jogos sociais, onde o poder se exerce pela prática discursiva dos surdos, as produções culturais desses sujeitos mantêm-se como estratégias de resistência cultural. Isso pode ser descrito nos vídeos sobre os quais lanço o olhar nesta pesquisa. O aparecimento da legenda, presente em três das cinco produções selecionadas, constitui-se uma estratégia de negociação de sentidos culturais, tornando o conteúdo acessível a ouvintes não fluentes em LIBRAS.

O sentido de negociação e consumo pode ser articulado a um evento observado no vídeo A. Tal produção, disponibilizada no *You Tube* em dezembro de 2010, esteve em circulação inicialmente nesse espaço interativo somente em LIBRAS, sendo mais tarde postada com legenda. Essa estratégia culminou em um aumento significativo de acesso ao vídeo, chegando até o momento a 8.356 exibições, de onde se infere um crescente consumo desses significados também por um público não fluente na LIBRAS. Assim, os surdos colocam em negociação a própria língua de sinais para manterem-se visíveis e legítimos culturalmente nesse entre-lugar.

Proporcionar acesso das produções surdas a pessoas ouvintes ou não fluentes na língua de sinais está na ordem da constituição cultural surda contemporânea, o que se descola da ideia de comunidade fechada, privada e privilegiada apenas para surdos fluentes na LIBRAS. Essas estratégias articulam-se frente ao cenário contemporâneo, usando a própria cultura como uma conveniência para se “manter Surdo” nos tempos atuais. Tal situação demonstra o cenário atual da cultura surda, em que os sentidos de verdades se deslocam, tornando necessária uma nova configuração dos meios de manter-se e legitimar-se culturalmente.

A cultura passa a ser narrada sob a interpretação do próprio sujeito surdo, que coloca em circulação os movimentos de sua cultura, “passando a traduzir a outra, sua constituição, seus valores, as realidades escolhidas e seu modo de representação cultural” (PERLIN, 2006, p. 142).

No entanto, não se trata somente de privilegiar o conteúdo dessas culturas, mas sim a “utilidade da reivindicação da diferença (...) na condição de que elas se multipliquem e confirmem direitos à comunidade” (YÚDICE, 2006, p. 46). Segundo o

autor, opera-se o sentido de uma política cultural, em que a política se sobrepõe ao conteúdo da cultura.

No processo de produção de cultura surda, as identidades são constituídas em torno de uma experiência em comum desse grupo. Nesse caso, estando os surdos alocados no entendimento de uma cultura minoritária, marginalizada e subordinada à cultura ouvinte, as produções tomam sentido reivindicatório, tanto sociais quanto educacionais, corroborando aquilo que Yúdice (2004) denominou de “etos cultural”. Produzir cultura e ser produzido por ela situa as identidades e aproxima os sujeitos em torno de objetivos comuns. Dessa forma, os discursos referentes à invenção de uma cultura surda anunciam as lutas e resistências políticas envoltas nos dispositivos de identidade.

Nos tempos atuais, as forças de resistência surda têm tomado outros caminhos estratégicos, como as próprias produções artísticas veiculadas no *You Tube*. Se, em determinado momento, a cultura surda estava ameaçada pelas novas tecnologias midiáticas, sendo que os surdos privilegiam os encontros presenciais (GOMES, 2011), hoje essas tecnologias são usadas como recurso para circulação e consumo da cultura surda. Colocam-se em negociação as formas de produção dessa cultura. Nesse sentido, negociação e consumo estão na mesma ordem de significação no espaço midiático *You Tube*.

Dessa maneira, é possível pensar nos sentidos que essas produções tomam no cenário contemporâneo, constituindo e inventando outros modos de ser surdo. Essas estratégias, de acordo com as configurações sociais atuais, produzem identidades surdas que se fazem necessárias no contexto cultural e político das reivindicações surdas.

No entanto, não se trata somente de produzir significados em uma arena de reivindicações, mas sim de resistência como meio de manter-se no cenário contemporâneo. Os vídeos olhados nesta pesquisa, tanto humorísticos quanto educacionais, tensionam a produção de outros modos de ser surdo, mesmo que por meio de estratégias diferenciadas. Não olho para o tipo de sujeito que está sendo constituído no sentido de caracterizá-lo, mas para as diferentes estratégias utilizadas pelos próprios surdos como formas produtoras de sujeitos.

Nos vídeos humorísticos, são postos em negociação significados que fazem sentido na lógica social destes tempos, como a língua de sinais e o lugar que essa língua tem tomado nos discursos culturais atuais, descolando-se da negação

ouvinte. Isso significa dizer que, nessa categoria, o jogo da oposição surdo/ouvinte não é constitutivo da identidade surda. Já nos vídeos analisados na categoria educação, ainda se faz necessária a resistência como oposição frente às atuais políticas inclusivas voltadas para a educação dos sujeitos surdos.

Entretanto, a negociação opera nas diferentes representações culturais produzidas nos vídeos coletados. Pode-se perceber isso nos vídeos B e C, categorizados em gêneros diferentes e produzidos pelo mesmo autor surdo. Na categoria humor, a sátira demonstrada na trama do vídeo B coloca enfoque no surdo oralizado, imprimindo a aceitação dessa condição pelos amigos surdos (personagens da trama). Portanto, ser um surdo oralizado, nesse contexto, é também estar na lógica cultural surda, rompendo com o binarismo entre o uso da língua de sinais e a língua oral. Já nos tensionamentos do vídeo C, inscrito na categoria educação, os significados produzidos tomam outro direcionamento, sugerindo que o implante coclear, condição de oralização, seja um aspecto negativo e de enfraquecimento cultural surdo. Nesse campo, tais discursos tomam força, pois ainda se torna necessário reivindicar pela resistência diante da configuração atual do cenário educacional dos surdos no Brasil¹⁶. Essas representações estão na ordem da negociação, em que a conveniência na produção de significados diferenciados faz sentido em diferentes contextos e/ou categorias em que determinados discursos operam.

Não me interessa pensar tais produções como oposições de sentidos, mas como um processo constituinte de diferentes modos de ser surdo nestes tempos, considerando a conveniência da cultura como recursividade que vai nos assinalando como sujeitos “a respeito de nosso período histórico” (YÚDICE, 2006, p. 47).

¹⁶ Em trabalho de coleta de dados para o projeto “Produção, Circulação e Consumo da Cultura Surda Brasileira”, pude conhecer o cenário da educação de surdos nas cidades de Campo Grande-MS, Curitiba-PR e São Paulo-SP. Tal experiência possibilitou-me observar que ainda é muito utilizado o processo de oralização de surdos em algumas escolas, em especial na cidade de Curitiba-PR. Essas escolas tomam o método oral como estratégia de ensino de surdos, descartando as concepções culturais implicadas pela língua de sinais.

CAPÍTULO III

RIR DE SI E DOS OUTROS: A SURDEZ SATIRIZADA NO HUMOR

Busco nesse capítulo discutir a produção de dois vídeos de gênero humorístico os quais enredam a satirização de ser surdo no contexto contemporâneo. Tais obras, intituladas e identificadas nesta pesquisa respectivamente como “O Chamado surdo do terror” (vídeo A) e “[Filme Surdo] Como matar os maridos” (vídeo B), foram selecionadas, dentre outras produções de gêneros semelhantes¹⁷, por constituírem significados culturais sobre o lócus de uma sátira da condição de ser surdo. Preocupo-me em pensar essas produções artísticas como estratégias culturais de negociação e consumo de identidades surdas em tempos atuais.

O vídeo A inicia simulando uma produção da Walt Disney, evocando no telespectador a representação de um longa-metragem. Os sujeitos surdos envolvidos nessa produção intencionam mostrar uma adaptação do filme veiculado por essa mesma empresa cinematográfica que foi intitulado no Brasil como “O Chamado”¹⁸. A obra produzida pelos atores surdos mostra a história de um rapaz que assiste ao referido filme, mesmo sendo alertado por dois amigos sobre o seu conteúdo assustador. Logo no início do filme, aparece uma cena idêntica à do longa-metragem original em que uma menina com cabelos longos sobre o rosto sai de dentro de um poço e caminha em direção à tela da televisão. No entanto, ao chegar mais próximo do vídeo, ela sinaliza em LIBRAS para o rapaz, perguntando se ele era surdo. Em seguida, a personagem sinaliza expressando que quer o rapaz junto a ela. Nesse momento, a menina sai de dentro da televisão em direção ao rapaz surdo. Os amigos que estavam no quarto vão até a sala e, ao observarem a cena, saem correndo, amedrontados. O protagonista da obra permanece sentado no sofá e, assustado, solicita à menina que mostre seu rosto. A personagem responde, em LIBRAS, que é uma menina bonita, mas, ao afastar os cabelos do rosto, apresenta característica assustadoras, conforme o filme original. Nesse momento, ela avança

¹⁷ Essas produções referem-se aos vídeos catalogados pelo projeto “Produção, Circulação e Consumo da Cultura Surda Brasileira”, considerando a planilha descritiva de produções surdas encontradas no ambiente virtual *You Tube*.

¹⁸ O longa-metragem intitulado originalmente como “The Ring”, sob a direção do cineasta Gore Verbinski, foi lançado em 2002 nos Estados Unidos, sendo situado no gênero terror.

sobre o rapaz, e o vídeo encerra mostrando algumas passagens rápidas do longa-metragem “O Chamado”.

A história satiriza aspectos do filme original, mostrando que a personagem principal usa Língua Brasileira de Sinais para comunicar-se com o rapaz. Nesse sentido, a língua é o registro cultural dessa produção, sendo posta em negociação pelos próprios surdos. Cabe articular essa negociação à representação do outro como uma negação à personagem ouvinte do filme original. Isso implica pensar as estratégias utilizadas pelos personagens surdos para se manterem, nessa lógica contemporânea, como sujeitos culturais.

O Outro deve ser visto como a negação necessária de uma identidade primordial – cultural ou psíquica – que introduz o sistema de diferenciação que permite ao cultural ser significado como realidade linguística, simbólica e histórica (BHABHA, 2001, p. 86).

A identidade passa a ser um efeito do confrontar-se com esse outro, proporcionando a representação de si próprio.

É possível pensar na personagem principal dessa obra como uma menina surda satirizada no terror estético, a qual causa um estranhamento folclorizado no uso da língua de sinais. A ideia de ser surdo é satirizada e pode ser pensada como lócus do diferente anormal. Tal representação leva-nos a problematizar os discursos produzidos na atualidade pelos próprios sujeitos surdos, os quais significam sua cultura pela diferença política e linguística.

O “estranhamento” da personagem principal contradiz as representações pautadas na diferença, marcando a constituição dos sujeitos pela falta da audição. A cultura surda, nessa lógica, pode ser pensada como um efeito dos discursos produzidos pela deficiência auditiva, inscrita no registro da falta (GOMES, 2011). Ao produzir identidades na ordem cultural surda, a obra representa a diferença pautada na deficiência do corpo surdo, o que conjuga os efeitos dos discursos que constituíram essa cultura.

Tais discursos constituintes da cultura surda partem de outras verdades anteriormente inventadas, em que os surdos são os deficientes, os anormais, os estranhos. Dessa forma, opera-se a lógica de uma força performativa que, segundo Yúdice (2004), pode ser compreendida como uma contraestratégia desviante dos modelos sociais impostos. São meios de atuação, negociação e resistência

adotados socialmente pelos sujeitos surdos para manterem-se diferentes culturalmente. A força performativa está nessa ordem, em que as repetições de normas vão dar lugar a algumas discrepâncias, e é a partir dessas desconexões que os surdos vêm constituindo os discursos da diferença política, linguística e cultural. Entende-se, portanto, que é por meio dos registros da deficiência surda que tal cultura foi inventada, o que acaba marcando a própria constituição desses sujeitos.

É possível observar também que as identidades produzidas pela obra aqui analisada inferem um movimento de trocas em um jogo de conveniências culturais. A língua, tomada como um instrumento de negociação, é posta nesse jogo de identidades, em que ora é conveniente a circulação dessa produção sem legenda, ora com legenda. Esse jogo coloca em questão a própria mutabilidade de identidades surdas em um processo contínuo de deslocamentos. Essas identidades transitam pelas formas de constituição desses sujeitos surdos, marcando, através da própria língua, representações efêmeras. São estratégias que colocam em negociação os significados, utilizando o humor como meio de legitimar-se culturalmente, mas também implicando um estranhamento do ser surdo.

A obra foi submetida no ambiente virtual *You Tube* na categoria humor, caracterizando o vídeo como uma produção lúdica humorística. Mesmo apresentando situações que remetem ao gênero terror como enredo dessa produção, tomando-se como referência um filme divulgado internacionalmente, os surdos aproximam tal história de sua experiência surda, ironizando os significados de ser surdo na contemporaneidade. Tal produção de significados que se movimentam no enredo humorístico e trágico da obra pode ser entendida conforme Propp (1992, p. 18) quando pondera que “o cômico não é absolutamente um elemento oposto ao trágico, embora possa ser inserido na mesma série de fenômenos aos quais pertencem também ao trágico”.

Da mesma forma, o vídeo B sinaliza um humor diluído no enredo trágico da obra. O curta-metragem identifica, nas palavras-chave “comédia” e “piada”, o teor engraçado da história. Tal produção apresenta na trama o assassinato de um jovem casado, desvelando ao final que a autoria do crime é planejada por sua própria esposa. A trama se passa na residência do casal, onde, no decorrer da história, um fantasma aparece dando dicas de fuga ao marido. Esse personagem, interpretado

pelo autor da obra¹⁹, mostra-se uma figura humorística na história, mesmo representando um dos maridos mortos pela atual esposa do protagonista.

Larrosa (2000) infere que a ironia, como marca da pós-modernidade, provoca o riso e estabelece situações de autocrítica dos significados produzidos, representando determinadas realidades sob outro lócus interpretativo. No entanto, buscar o riso como efeito do humor irônico certamente irá depender da relação que o espectador estabelecerá na decodificação desse significado. Isso dependerá da representação consumida e as formas de subjetivação do sujeito, definindo “(...) a sua posição em relação ao preceito que ele acata” (FOUCAULT, 1983, p. 213-214).

Dessa forma, coloco-me neste trabalho como telespectadora, não para decodificar tais sentidos, mas para olhar as obras como estratégias humorísticas em que a ironia opera como produtora de sentidos e, portanto, de sujeitos.

Usar esse artifício para produzir cultura surda é um meio de desviar o convencionalismo existente em outros modos de produção militantes. Nessa ordem, produzir cultura e identidades surdas representa, pela configuração humorística, modos de constituir surdos no terreno contemporâneo. São outras estratégias de configuração cultural surda que se inscrevem nas mudanças sociais e tecnológicas da pós-modernidade, privilegiando (...) o pastiche, a colagem, a paródia, a ironia (...).” (SILVA, 2001, p. 114).

Assim, é possível pensar que tais produções humorísticas têm tomado maior efeito de visibilidade, circulação e consumo, dando sentido a estratégias de significação cultural dos surdos nos tempo atuais.

Penso a cultura como recursividade, como meio de investimento dos surdos para manterem-se na diferença. Do mesmo modo, o uso dessa cultura pode ser articulado com a conveniência das formas de ser surdo, pois “a conveniência da cultura sustenta a performatividade como lógica fundamental da vida social hoje” (YÚDICE, 2004, p.50).

Na condição pós-moderna, as certezas absolutas são questionadas, postas sobre suspeição. Podemos pensar que o humor, como processo de significação, é uma estratégia de dissimular verdades fixas e engessadas em certezas. Larrosa (2000, p. 133) pondera

¹⁹ Essa referência foi obtida na própria obra, que indica na apresentação o nome do diretor e autor.

O riso destrói as certezas. E especialmente aquela certeza que constitui a consciência enclausurada; a certeza de si. Mas só na perda de certeza, no permanente questionamento da certeza, na distância irônica da certeza, está a possibilidade do devir (...).

A certeza de ser surdo constituído por uma pureza cultural é negociada através do humor. Os sujeitos surdos adotam outros formatos representativos sobre sua própria condição de ser surdo na atualidade. Isso pode ser articulado a uma passagem o vídeo B em que o amigo surdo do protagonista aparece preso com uma fita na boca pela comparsa da esposa assassina. A atitude da moça é questionada, já que o sujeito era surdo e não emitiria sons. A personagem confirma a condição surda do rapaz, mas alerta que ele é um sujeito surdo oralizado, mostrando-se tal situação ao ser tirada a fita da boca do rapaz, que pede oralmente por ajuda. Entendendo-se tal cena como uma perspectiva irônica sobre o oralismo, percebe-se que a presença dessa marca na obra é tomada como outra estratégia de constituir-se surdo hoje.

Uma das certezas que constituíram e solidificaram a comunidade surda e a própria cultura surda foi o uso prioritário da língua de sinais, o que implica a negação do surdo oralizado. A pureza cultural imaculada da comunidade surda já não faz mais sentido nos contextos atuais; dessa forma, a cultura passa a ser negociada e consumida sobre outras verdades, talvez menos hegemônicas. A língua de sinais e a experiência visual ainda são a marca cultural surda, no entanto, abandonam-se alguns pressupostos discursivos sobre a oralização, tão colados ao sofrimento de ser surdo nas últimas décadas. Na lógica contemporânea, esse discurso vem perdendo força, pois ser surdo oralizado está na ordem de uma inserção social, inclusive em contextos em que o surdo também se inscreve como sujeito de sua própria cultura.

A força performativa também age nesse sentido, com as aproximações da pureza cultural surda constituindo resíduos ou contraestratégias de resistência à própria invenção do uso exclusivo da língua de sinais por sujeitos surdos. No entanto, em meio às novas estratégias de constituição de verdades sobre a surdez e, portanto, sobre os próprios sujeitos surdos, “o controle do riso evita (...) a troça do outro, reforçando o princípio de que o cômico deve divertir sem causar dor, ou evitar rir da dor que afeta o outro – sujeito ou objeto” (LULKIN, 2007, p.65). Dessa forma, para tratar de um tema tão caro à comunidade surda, rir de si e dos outros torna-se

uma estratégia sutil, de modo a ironizar uma nova invenção – surdo oralizado – e constituir outros modos de ser surdo no contexto social atual. Nesse sentido, ser surdo cultural e usuário da língua de sinais já se tornou uma verdade legitimada, a qual passa agora a ser reinventada pelos próprios surdos. Lulkin (2007, p. 65) considera que “o retórico sustenta o discurso oficial. O paródico desenforma a verdade oficial e a reforma à sua maneira”. Ainda nessa perspectiva, o autor acrescenta que

O humor permite uma circulação (...), com o fluído dissolvendo os aspectos rígidos ou assentados em determinadas convenções e poderes. (...) o humor faz deslizar um terceiro sentido entre os sentidos contrários, para romper com a mecânica do que já estava previsto: dizer uma e outra vez a mesma sentença agora com o incidente do equívoco, com o riso decorrente do erro ou da palavra truncada, uma oposição de sentidos fomentados pela ironia (LULKIN, 2007, p. 96).

Em ambos os vídeos aqui analisados, podem-se observar formas semelhantes de se trabalhar com o teor humorístico, principalmente pela associação a um enredo trágico. Essas semelhanças podem ser articuladas também a uma estratégia de dissimulação ou dissociação de verdades fixas, buscando na tragicomédia²⁰ meios de favorecer a comunicação e propor o riso estético²¹. O riso estético tem função assimiladora entre o real e o fictício, tomando uma atitude irônica, sarcástica, em que se produzem sentidos de verdades. Maillard (1998, p. 130) argumenta que

O riso estético assimila (...): o inquietante, o insólito, o absurdo, o despropósito, e, ao assimilar, o ‘realizar’, o apresenta como se fosse ‘real’. Estabelece-se então uma espécie de cumplicidade entre o mundo cotidiano e o mundo fictício. O sujeito-receptor se depara com o seu mundo real que se desfaz, ao mesmo tempo em que demanda realidade ao mundo da ficção. É o trabalho da metáfora que se cumpre.

A busca pelas assimilações do riso estético com a realidade propõe um movimento de intenções na produção de novas representações. Os surdos, envolvidos nas produções midiáticas, estão nessa lógica de criação, dando sentidos reais ao mundo aparentemente ilusório. No entanto, é preciso destacar que não há nada místico, perverso ou oculto nessas produções. Não tento desvelar o que está nas entrelinhas, pois as coisas estão todas aí, na superfície do texto. Os

²⁰ Segundo dicionário *online* de português (2012), a palavra “tragicomédia” significa obra dramática que se associa à tragédia e à comédia.

²¹ Maillard (1998) diferencia o riso estético do riso ordinário, o qual, segundo a autora, apenas afasta do risco, amenizando ou dissipando momentaneamente a tensão.

movimentos que se apresentam nos vídeos entre o real e o ilusório estão articulados nas tramas produtivas das obras, inventando outros modos de ser, pensar e agir.

É em meio a essas produções que o humor opera como uma pedagogia cultural através da circulação midiática. Dessa maneira, o humor surdo posto em circulação no ambiente virtual *You Tube* exercita-se em meio a relações de poder, legitimando verdades sobre os surdos e produzindo outros modos de ser surdo no contexto contemporâneo.

CAPÍTULO IV

EDUCAÇÃO COMO EFEITO DAS PRODUÇÕES CULTURAIS SURDAS NO CONTEXTO MIDIÁTICO

Ao tratar de produções culturais dos surdos e tomar os efeitos desses significados como legítimos nesta pesquisa, lanço um olhar sobre as questões educacionais desses sujeitos. As representações e invenções acerca da educação de surdos tomam destaque quando me direciono a produções culturais inseridas na categoria educação dos vídeos analisados. Para dar conta disso, foi preciso problematizar aspectos políticos educacionais envolvidos nas diferentes representações sobre esses sujeitos.

Proponho-me a olhar para os efeitos da representação, tomando esse conceito como um processo fundamental “para a própria constituição das coisas” (HALL, 1997b, p. 6). De forma sintetizada, a representação pode ser entendida aqui, conforme Hall (1997b, p. 17), como o uso da “língua/linguagem para dizer algo significativo ou representar o mundo de forma significativa para outrem”. Representação dá-se através da linguagem, tomando o lugar na produção de significados, estando na ordem das invenções, criações e, portando, na ordem da cultura. Nesse entendimento, pode-se dizer que é por meio da linguagem que acontece a produção e circulação de significados dentro de uma cultura.

Tomando essa direção teórica, problematizo a surdez a partir de uma diferença cultural dentro da qual a representação e, assim, a produção de significados são tratadas como resistência política para manter os sujeitos culturais.

Os direcionamentos que aponto neste capítulo buscam inferir análises sobre três vídeos produzidos por sujeitos surdos. Tais obras aproximam-se por referências a questões culturais e de resistência política educacional; são intituladas como “Doutores de IC X LIBRAS - Parte 1” (Vídeo C), “Teatro Alegria Surda” (Vídeo D) e “Já inclusão, não sei como vou viver” (Vídeo E).

Busco pensar os tensionamentos expostos nos vídeos como efeitos de análise em que se destacam produções de surdos voltadas para o campo educacional. Olho para essas produções, em particular, como processo de resistência dos surdos imerso no cenário atual da educação inclusiva. No trânsito pelo campo inclusivo educacional desses sujeitos, discuto os modos de produção de

identidades surdas na contemporaneidade, abordando tal temática sob o olhar da biopolítica.

Nesse jogo, discuto a surdez a partir do lócus de uma governamentalidade neoliberal que atravessa a política educacional no que se refere aos sujeitos surdos. Nesse sentido, procuro articular concepções acerca do regulamento da vida desses sujeitos. A ideia de governo, controle e regulação não está aqui no sentido opressor, e sim no sentido de nos constituir. Para Marshall (1999, p. 28-29), a governamentalidade age para “moldar, guiar ou afetar a conduta das pessoas de maneira que elas se tornem pessoas de um certo tipo”. Preocupo-me em discutir as formas como a surdez vem sendo narrada e o lugar que as representações tomam no cenário educacional.

Nesse sentido, busco destacar recorrências discursivas dos vídeos, as quais demarcam um lugar de resistência política, cultural e educacional, inventando, representando e, portanto, produzindo modos de ser surdo no cenário contemporâneo.

4.1. Cultura surda no processo de representação educacional

Em contrapartida às representações das políticas públicas educacionais sobre a surdez e a invenção de uma deficiência a ser normalizada e subjetivada, a comunidade surda vêm traçando um movimento de resistência que desconstrói essas verdades. As produções culturais dos sujeitos surdos tornam-se estratégias de demarcação política dentro de um espaço-tempo, afirmando-os como sujeitos culturais.

Para dar sentido às concepções aqui discutidas, é preciso retomar tanto o lugar onde me posiciono para falar de constituição ou invenção da cultura, quanto a lógica do processo de representação que está na ordem da produção de significados.

A linguagem toma lugar central nessa perspectiva, sendo entendida como meio pelo qual se produz e faz circular o significado. Ela pode ser compreendida como um exercício de significação, de produção ou invenção da realidade. Usar, falar, pensar ou sentir as coisas está no sentido de representá-las, dando-lhes certos significados através de uma interpretação pessoal. Portanto, a linguagem funciona como um sistema de representação, que significa e faz circular os sentidos a serem

legitimados e tomados como verdades em uma cultura. Assim, o funcionamento da cultura depende desse movimento de produção de significados, precisando estar sempre sendo interpretada e representada socialmente em um “circuito da cultura” (HALL, 1997b).

Pensar a cultura como uma arena de produção de significados a serem legitimados e subjetivados é compreender essa instância sob o lócus dos Estudos Culturais. Essa abordagem preocupa-se em olhar para o campo cultural como um espaço de constituição de sujeitos, identidades e subjetividades produzidas e representadas através da linguagem e interpeladas pelas relações de poder/saber. Nesse sentido, o que veio a ser chamado de “virada cultural” interessa-se pelos efeitos dessas relações e pelas trocas de significados dados nas práticas sociais. Hall (1997a, p. 29) argumenta que

A Virada Cultural está intimamente ligada a esta nova atitude em relação à linguagem, pois a cultura não é nada mais do que a soma de diferentes sistemas de classificação e diferentes formações discursivas aos quais a língua recorre a fim de dar significado às coisas.

O intercâmbio de significados dentro de uma cultura corrobora o entendimento de que existem e circulam diferentes significados sobre as coisas e que, portanto, se estabelecem diferentes maneiras de interpretá-los. A produção de significados dentro de uma cultura, atrelada ao poder de legitimar sentidos, regula as condutas sociais, governa as formas que agimos, constitui identidades e define a maneira como são representadas as coisas.

No entanto, Hall (2007b) infere que a resistência de significados pode dar-se em um regime de representações a serem desafiadas e transformadas no âmbito da circulação social. Isso vem ao encontro das produções discursivas dos sujeitos surdos e das formas que eles narram sua condição política e social em um movimento, o que, segundo o autor, é uma contraestratégia nas políticas de representação. Esse outro olhar sobre a condição de ser surdo surge sob a invenção de um movimento cultural que, ao produzir significados, narra os sujeitos sob uma constituição da diferença cultural, linguística e política, posicionando essa representação no cenário educacional.

A diferença linguística dos surdos é propulsora desse movimento cultural que se reúne em volta de um mesmo imaginário político-social, “tendo como meta confrontar o modelo clínico-patológico dominante na educação de surdos”

(KARNOPP, 2010, p. 155). O pertencimento à comunidade surda envolve elementos fundamentais, como o uso da língua de sinais e o estado de ser surdo, no entanto, inserir-se nessa cultura abrange também a participação comum de seus membros, compartilhando as mesmas causas políticas e sociais.

A militância surda e as produções discursivas que dão legitimidade a essa cultura corroboram o entendimento de Hall (1997b) quando fala sobre os “significados partilhados” para contextualizar o conceito de cultura. Um modo de resistência gerado dentro dessa cultura é uma forma de entender ou produzir o mundo de maneira similar. Nessa lógica, a linguagem comum a essa cultura e funcional em um sistema de representação é uma forma de partilhar os significados.

O tipo de entendimento em que a comunidade se baseia precede todos os acordos e desacordos. Tal entendimento não é uma linha de chegada, mas o ponto de partida de toda a união. É um sentimento recíproco e vinculante, a vontade real e própria daqueles que se unem, e é graças a esses entendimentos, e somente a esse entendimento, que na comunidade as pessoas pertencem essencialmente unidas a despeito de todos os fatores que as separam (BAUMAN, 2003, p. 15-16).

Entender os surdos como sujeitos visuais pertencentes a uma cultura própria é representá-los pelo olhar da desouvintização²², negando as narrativas ouvintes sobre surdez. Esses discursos problematizam as narrativas legais sobre a educação de surdos, promovendo um posicionamento cultural que baliza a constituição de “identidades próprias daqueles que narram a si mesmos e se opõem e/ou resistem às pressões etnocêntricas de normalização e de igualdade” (SKLIAR, 1999, p. 22).

Historicamente, o movimento surdo vem propondo essa representação cultural e linguística diante das narrativas legais. Essa concepção justifica a crescente circulação de produções culturais surdas em diferentes espaços e corrobora o consumo dessa cultura, demarcando e legitimando seu espaço no cenário político-educacional.

Estratégias discursivas são articuladas pelos sujeitos surdos para fazer circular e ser consumida sua cultura, dando possibilidades de outras representações acerca de seu posicionamento político. Entretanto, o não-reconhecimento de uma cultura surda é ainda muito recorrente em alguns discursos, em especial naqueles

²² Termo sugerido por Skliar (1999, p. 24) ao reportar-se a “uma denúncia acerca das práticas colonialistas dos ouvintes sobre os surdos”.

que tratam da educação de surdos sob uma perspectiva clínica, de deficiência a ser corrigida. Em conformidade com Skliar (1998, p. 28),

Não me parece possível compreender ou aceitar o conceito de cultura surda senão através (...) de um olhar de cada cultura em sua própria lógica, em sua própria historicidade, em seus próprios processos e produções.

Negar a existência de cultura surda é ignorar os processos de lutas políticas que percorrem o histórico de resistência desse povo, desconsiderando o reconhecimento linguístico e as produções culturais que vêm legitimando esse espaço. Mesmo que os discursos de resistência e legitimação cultural surda se reciclem ao longo do tempo, ainda se faz necessário tal militância nos tempos atuais. O processo de produção de identidades surdas está carregado das intencionalidades políticas, como artefato que legitima o lugar dessa cultura. Em tempos de inclusão, potencializam-se tais discursos, fazendo-se consumir também sob outras estratégias de circulação, como as produções culturais surdas no *You Tube*.

4.2. A mídia como artifício de representação cultural, educacional e política dos sujeitos surdos

O termo “mídia” é tomado neste trabalho como mecanismo produtor de verdades, representações e, portanto, de sujeitos. Entendo esse contexto de circulação e consumo de significados como uma pedagogia cultural em que, no exercício das relações de poder, se produzem modos de ser e de representar-se socialmente. Costa (2007, p. 81) argumenta que

Mídia é o aparato de difusão da informação capaz de produzir e transmitir mensagens (...). Para além do aparato de difusão, mídia é também o conjunto de artefatos culturais por ele produzido e posto em circulação (...). Tal conjunto é produtivo no campo da significação, da interpelação e do governo, operando e integrando dispositivos que acionam discursos, práticas, táticas movimentos em que está implicado o poder.

São esse dispositivos que operam nos discursos produzidos pelos vídeos postados no *You Tube* o que interessa pensar nesta pesquisa. Tomo, neste momento, o vídeo C, olhando para essa produção como resistência aos significados representados sobre os surdos na própria mídia.

A obra intitulada “Doutores de IC X LIBRAS - Parte 1” foi submetida no ano de 2009 por um artista surdo que se destaca em produções de vídeos postados no ambiente virtual *You Tube*. Articulando cenas apresentadas em um programa, jornal e novela de uma emissora com canal aberto, o autor problematiza as representações sobre a surdez postas em circulação na mídia televisiva. Tal apresentação é feita intercalada com comentários em LIBRAS (com legenda) que justificam a importância do uso da Língua Brasileira de Sinais e a divulgação da cultura surda no Brasil.

Ao mostrar algumas cenas que contribuem para idealizar o implante coclear (IC)²³ como uma alternativa compensatória e corretora da surdez, o ator do vídeo aparece posicionado contra essa representação. As imagens são apresentadas brevemente; por meio de legenda, frases usadas no programa e no jornal são tensionadas em forma de perguntas: “Pária da sociedade?” “Linguagem de gestos?”. Essas questões são discutidas ao longo da exibição do vídeo, problematizando o uso desses termos e justificando a representação da mídia no processo de constituição do surdo deficiente.

Há uma preocupação, nessa obra, em mostrar como artefatos midiáticos estão inventando um sujeito surdo incapaz em sua condição social. As críticas referenciadas pelo ator às narrativas da mídia televisiva sobre o sujeito surdo tomam sentido quando as articulamos às concepções de produção de identidades, na constituição de modos de ser e representar as coisas. Essas são práticas que se articulam com formas pedagógicas de ensino, as quais “nos contam histórias, nos dizem como as coisas são, como as coisas não são, como as coisas devem ser” (SCHMIDT, 2006, p. 2). O sujeito surdo é então constituído, narrado e representado como um deficiente a ser corrigido ou “salvo” pelo implante coclear.

As identidades de pessoas surdas produzidas a partir dessas representações posicionam esses sujeitos no lugar da falta, constituindo subjetividades pautadas na anormalidade. Esses sentidos produzidos sobre os sujeitos surdos e assumidos por eles em identidades “deficientes” são verdades a serem seguidas como legítimas e confiáveis, pois “aprendemos na mídia quem somos nós e quem são os outros, ou

²³ O implante coclear é definido, segundo o *site* oficial de IC, como uma prótese eletrônica com alta tecnologia, usada para estimular fibras do nervo auditivo, possibilitando a amplificação sonora a pessoas com deficiência auditiva.

ainda, como são aqueles dos quais desejamos ser iguais ou diferentes. E isto tem efeitos na produção de subjetividades e identidades sociais” (SCHIMIDT, 2006, p.2).

Ao mesmo tempo em que o vídeo C tensiona as representações da mídia televisiva, também produz verdades sobre os sujeitos surdos e constitui, assim, outras identidades surdas. A obra, imersa também em um contexto midiático, possibilita a produção, circulação e consumo de diferentes representações sobre a surdez.

Essas representações são produzidas pelo discurso posto em circulação pelo autor do vídeo. Alguns aspectos da militância surda destacam-se, como a língua, a cultura e a identidade pautada na experiência de ser surdo. No início da obra, coloca-se em negociação a questão do IC e as narrativas clínicas sobre a surdez. No entanto, essas concepções logo se associam a questões culturais, políticas e educacionais dos surdos. Há uma analogia que aproxima algumas questões da comunidade surda, ou seja, ser contra o IC ou aos discursos clínicos é, ao mesmo tempo, ser a favor da constituição de identidades surdas marcadas por uma cultura própria. Isso pode ser percebido em uma passagem dessa obra em que o autor pontua elementos positivos de ser surdo, como comunidade, identidade, história e política, justificando que o IC pode colocar um fim a essa constituição. A busca pela legitimação desses artefatos também se associa a questões educacionais dos sujeitos surdos, reforçando as representações opostas ao processo inclusivo. São outras verdades inventadas que, na força do discurso, se legitimam e tensionam as representações postas hoje sobre a educação das pessoas surdas.

Nessa lógica, a inclusão educacional toma, para os surdos, os mesmos significados de negação, pois ter um IC, ser um deficiente auditivo, permite que esse sujeito, aceito próximo a uma norma ouvinte, esteja incluído em classes regulares. Os elementos da cultura ouvinte são suprimidos pela comunidade surda, incluindo nessa ordem a escola regular. São regras estabelecidas por essa comunidade, deixando subentendida uma posição contrária à inclusão escolar de alunos surdos. Essa é uma estratégia de manter o sonho de uma pureza cultural surda, evitando a “contaminação” com a cultura ouvinte (GOMES, 2011). Essas relações acabam sendo tomadas enquanto oposições binárias, atribuindo aos ouvintes a “culpa” de uma constituição normalizante, marcada historicamente pelas representações educacionais sobre os sujeitos surdos.

Tornar o surdo normal estava e ainda permanece na ordem das representações educacionais públicas. O processo de normação desses sujeitos tinha como estratégia a oralização como forma de aproximações ao sujeito normal, ouvinte. Uso o termo “normação”, tomando referência de Foucault (2008), que distingue esse termo de “normalização”. Entendo normação aqui como estratégias de aproximações a uma norma vigente, possibilitando trazer o anormal para perto da norma.

Foucault (2002) volta no tempo para explicar os dispositivos de governo e regulamento, como a família, o Estado e as instituições, o que ele chamou de “arte de governar”. Nesse cenário, o poder disciplinar age “por fiscalizações, por observações, medidas comparativas, que tomam a norma como referência” (BUJES, 2001, p.139). Há uma norma a ser seguida e tomada como modelo para narrar as diferenças entre o normal e o anormal, ou seja, “é em relação a essa norma estabelecida que a determinação e a identificação do normal e do anormal se tornam possíveis” (FOUCAULT, 2008, p.75).

Entender a condição surda dentro da lógica patológica, do deficiente anormal, remete-nos à concepção clínico-terapêutica que permeou e ainda permeia a educação de sujeitos surdos.

Medicalizar a surdez significa orientar toda a atenção à cura do problema auditivo, à correção dos defeitos da fala, ao treinamento de certas habilidades menores, como a leitura labial e a articulação, mais que à interiorização de instrumentos culturais significativos, como a Língua de Sinais. E significa também opor e dar a prioridade ao poderoso discurso da medicina frente à débil mensagem da pedagogia, explicitando que é mais importante esperar a cura medicinal encarnada nos implantes cocleares, que compensam o déficit de audição através de mecanismos psicológicos funcionalmente equivalentes (SKLIAR, 1997, p.111).

Na lógica contemporânea, os tensionamentos sobre a condição de ser surdo propostos no vídeo repetem-se por pelo menos três décadas²⁴, reivindicando outras representações sobre eles mesmos. Esses movimentos de resistência política/cultural/educacional dos surdos ainda fazem sentido nos processos de produção desses sujeitos na contemporaneidade, pois é preciso manter o lugar

²⁴ Segundo Gomes (2011), o termo “cultura surda” passa a ser utilizado pela comunidade surda e pesquisadores da área a partir da década de 80, o que não significa sua inexistência em períodos anteriores, podendo haver outras formas que pudessem descrever um jeito de ser surdo. O destaque dado a esse momento histórico é o fortalecimento da militância surda em busca de outras representações sobre esses sujeitos, descoladas da deficiência auditiva.

cultural em que se inserem, mesmo que hoje outras estratégias estejam no palco das representações e das invenções de modos de ser e agir.

4.3. A inclusão educacional como instrumento de produção e controle de sujeitos surdos

Nas últimas décadas, muitos documentos educacionais foram propostos para efetivar a educação inclusiva, pautados no direito a uma educação especializada, em que a condição surda se homogeneizava com a ideia de outras deficiências em um mesmo lócus discursivo. Ao mesmo tempo, o modelo socioantropológico da surdez, atrelado a um saber científico de pesquisadores da área, vinha ganhando força, narrando a surdez sob um discurso descolado da concepção clínico-terapêutica. Com a organização de comunidades surdas e a potencialização de uma resistência política através das lutas e engajamentos sociais, a surdez, entendida agora como uma diferença linguística e, portanto, cultural, toma lugar nas discussões legais. Esse movimento conduziu, em 2001, à oficialização nacional da Língua Brasileira de Sinais, o que fortaleceu ainda mais a militância surda na busca pelos seus interesses sociais.

Ainda que os movimentos de grupos organizados de surdos tenham mostrado uma resistência às narrativas clínicas da surdez, as representações sobre esses sujeitos dominam os projetos da educação nacional e impõem uma inclusão pautada no respeito à diversidade. Veiga-Neto (2001, p. 113) infere que a inclusão “pode ser o primeiro passo numa operação de ordenamento, pois é preciso a aproximação com o outro para que se dê um primeiro (re)conhecimento, para que se estabeleça algum saber, por menor que seja, acerca desse outro” e assim se possa trazê-lo o mais próximo possível da norma.

Em um contramovimento ao processo educacional inclusivo e ao reconhecimento da escola de surdos como espaço cultural de encontros, aprendizagem e produções, a comunidade surda vem produzindo sua cultura em diferentes espaços como estratégia de legitimação. Dessa forma, mantém-se em um movimento constante de resistência ao cenário educacional imposto pelo governo.

Dentro do contexto cultural e político assumido pela comunidade surda, questiono os efeitos que a inclusão de alunos surdos vem produzindo. Para isso, tensiono os processos educativos que são atravessados e gerenciados por essas

políticas no jogo de relações, onde a norma disciplinar e de regulamentação se cruzam. Essa normalização disciplinar é produzida no domínio institucional e aplica-se a diferentes mecanismos de controle.

Nesse sentido, opera a lógica de uma sociedade de segurança, de controle, em um jogo de prevenção²⁵. Essa compreensão está articulada com o exercício da biopolítica, em que há uma gestão e controle sobre o corpo, sobre a vida. Trata-se de uma ação de governo, “(...) um triângulo: soberania-disciplina-gestão governamental que tem, na população, seu alvo principal, e nos dispositivos de segurança seus mecanismos essenciais” (FOUCAULT, 1990, p. 291).

A inclusão pode ser vinculada a um investimento da biopolítica, no sentido de uma campanha para o exercício de um controle. Esse controle reforça verdades, prescreve normas e formas de condutas que regulamentam ações de uma população. Trata-se de um saber privilegiado em que operam técnicas e dispositivos para fazer com que as forças discursivas funcionem. Tais forças contribuem para a governamentalidade e fazem-se valer na sociedade de controle. Gadelha (2009, p. 40) argumenta que “todos os regimes de verdades, em uma sociedade disciplinar e normalizadora, são efeitos de relações saber/poder”.

As discussões apresentadas até aqui me levam a pensar as produções culturais surdas voltadas ao campo educacional problematizando essa questão no domínio da inclusão. Para isso apresento o vídeo D e E, os quais expressam artefatos midiáticos de resistência política educacional dos surdos.

A obra intitulada “teatro alegria surda” (vídeo D) faz uma analogia a inclusão de alunos surdos. O grupo é composto por oito surdos que se interessam em produções relativas os temas inclusão escolar, identidade surda e drogas. Essa obra foi postada no ambiente virtual *You Tube* somente em LIBRAS em outubro de dois mil e nove.

A obra produzida por atores surdos simula uma aula em classe regular em que o professor chama os alunos verbalmente para entregar suas provas e respectivas notas. Os alunos que tiram boas notas são aplaudidos; nesse momento, o aluno surdo incluído imita a turma, mas não sabe quando parar essa ação. Por várias vezes, esse fato ocorre, tomando a atenção do professor, que solicita a esse aluno que pare de aplaudir. Já ao final da devolução de provas, o professor, com a

²⁵ Esse termo é usado no sentido de gerenciamento do risco, ou seja, aquele que não participa pode ser um risco, por isso, procura-se nomear e regular tais sujeitos, colocando-os dentro da norma.

última prova na mão, pergunta à turma qual aluno tirará zero. Todos apontam para o surdo, que, sem entender a situação, usa sinais, tentando se comunicar. Nesse momento, toca o sinal, e todos vão embora. O aluno surdo permanece sentado e, em seguida, é questionado pelo professor sobre sua nota. Ao revelar a esse professor sua condição surda, tal aluno coloca um nariz de palhaço e apresenta ao telespectador um cartaz onde está escrito “inclusão”.

Subentende-se, nessa narrativa, que a inclusão de alunos surdos é questionada, de forma a ironizar esse processo. O surdo deslocado em seu ambiente de aprendizagem é prejudicado pelo retrocesso de seu desenvolvimento linguístico e pela perda de informações pedagógicas, acabando exposto a uma norma perversa do ouvintismo.

Na educação (...) a surdez como deficiência que marca um corpo determinando sua aprendizagem é inventada através do referente ouvinte, das pedagogias corretivas, da normalização e dos especialistas que fundaram um campo de saber capaz de ‘dar conta’ de todos aqueles que não se enquadram em um perfil idealizado de normalidade (LOPES, 2007, p.8).

Essa representação educacional da surdez, pautada na falta de audição marcada nos corpos surdos, toma legitimidade através dos discursos curriculares educacionais, transcritos em políticas públicas inclusivas. Através desses documentos legais (MEC/SEESP, 2008), há um investimento biopolítico para manter um controle sobre esses “deficientes auditivos”. Há a preocupação de categorizar tais sujeitos dentro de um grupo específico da deficiência, inventando estratégias de domínio que os coloca nas proximidades da norma ouvinte. É preciso, portanto, definir um saber científico sobre tais corpos, para então instituir as verdades sobre eles (FOUCAULT, 1999).

Essas verdades prescritas sobre a educação de surdos são efeitos das relações de poder/saber. Pautadas na cientificidade clínica, as formas de regulação política educacional desses documentos legais governam e instituem verdades que são aceitas como legítimas pela sociedade normalizadora.

Ainda nessa lógica criativa e constitutiva de sujeitos deficientes, os documentos legais sugerem a transformação das Escolas Especiais em Centros de Atendimento Educacional Especializado (AEE), prestando serviço de suporte do ensino no contraturno da escola regular inclusiva (MEC/SEESP, 2008). Essa política tem sido questionada pelos sujeitos surdos, em um processo permanente de

resistência²⁶. Os vídeos postados pelos surdos no *You Tube* apresentam-se como estratégias reivindicatórias, buscando problematizar os efeitos da inclusão.

Como tática de resistência a esse processo de ensino, especificamente à transformação das escolas de surdos em AEE, o vídeo E coloca em circulação outros significados, os quais apresentam um efeito negativo desse processo. A obra intitulada “Já inclusão, não sei como vou viver” não disponibiliza legenda e foi postada no *You Tube* em março de 2011 pelo próprio diretor, o qual também se destaca pela produção de outros vídeos do gênero postos em circulação nesse espaço virtual.

O curta-metragem inicia mostrando um jovem surdo fazendo seu caminho, aparentemente rotineiro, até sua escola. Ao chegar à instituição, só para surdos, esse aluno encontra os demais colegas, que aguardam ansiosos a abertura das portas. Alguns minutos depois, os alunos entram na escola e direcionam-se à sala de aula. Após esperarem cerca de 30 minutos pela chegada do professor, eles decidem verificar as demais salas de aula para desvendar o mistério do atraso. Nesse momento, o vídeo mostra cenas de ensino e aprendizagem em LIBRAS nas salas de aulas visitadas, envolvendo um grande número de alunos, os quais vão desaparecendo gradativamente. O desaparecimento dos alunos da escola também se estende aos próprios personagens da trama. Por último, o jovem surdo protagonista da história fica sozinho no corredor, lembrando-se da escola cheia de alunos, com muitos colegas surdos conversando. Desolado com a situação, o personagem caminha lentamente pelo corredor, e sua imagem também desaparece²⁷.

A obra problematiza a suspensão do caráter formal de ensino na escola de surdos e a transformação dessa instituição em AEE. Os personagens colocam em jogo o aprendizado, o uso comum da língua, a experiência, o encontro e a própria constituição comunitária envolvida por esses artefatos na escola de surdos. Dessa

²⁶ A resistência aqui mencionada refere-se aos movimentos da comunidade surda, que vem tomando dimensões de organização nacional. Em 20 de maio de 2011, apoiados pela Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (FENEIS) e pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), um grande número de surdos e ouvintes (amigos, professores, parentes, intérpretes) reuniu-se em frente ao Ministério da Educação, em Brasília, para reivindicar uma educação bilíngue para surdos e o respeito à Cultura Surda e ao uso da LIBRAS. Tal movimento foi uma contraestratégia de resistência à proposta apresentada em março de 2011 pelo então Ministro da Educação Fernando Haddad, visando a estimular a inclusão de alunos surdos e cegos, inferindo a modificação do funcionamento das escolas especiais, que deveriam ser transformadas em centros de AEE.

²⁷ Ao final do vídeo, são disponibilizadas aos telespectadores imagens dos erros de gravação cometidos pelo grupo de atores surdos.

forma, a inclusão é posta como uma diluição desses aspectos políticos e culturais, enfraquecendo o convívio entre os sujeitos e, conseqüentemente, a apreciação de comunidade surda.

As cenas iniciais desse curta-metragem mostram apenas as partes inferiores do corpo do protagonista da história, o que não permite ao telespectador a identificação desse sujeito. Somente no desenvolver da trama é possível perceber que se trata de um estudante surdo. Essa situação apresenta-se como uma analogia à propaganda veiculada na mídia televisiva pelo Ministério da Educação (MEC) em 2007, a qual referencia o processo inclusivo. Tal propaganda inicia apresentando somente o rosto de um aluno preparando-se para ir para a escola, revelando-se ao final que tal sujeito é cadeirante²⁸. A proposta dessa propaganda sugere que todos os alunos sejam “únicos, especiais, diferentes”, sugerindo que a escola inclusiva seja o espaço obrigatório, de direitos, do qual todos devem participar. As cenas do vídeo E, ao problematizarem esses discursos, usam a ironia como estratégia de resistência à proposta apresentada pelo MEC, entendendo que o aluno surdo, dentro da sua diferença, também tem direito a frequentar a sua própria escola. A partir desse entendimento, a inclusão é posta sob outro olhar, tensionando os efeitos desse sistema na constituição dos sujeitos surdos.

A inclusão, pautada em um enunciado de direitos de todos à educação, é tomada como instrumento de regulação, mantendo os alunos dentro de uma norma disciplinar. Para Foucault (1999, p. 302), “a norma é o que pode tanto se aplicar a um corpo quanto a uma população que se quer regulamentar”.

A escola regular toma lugar de circulação dessa norma disciplinar. Nesse contexto, os sujeitos são delimitados, nomeados, em um movimento limítrofe entre o normal e o anormal. É preciso que haja uma descrição de todos para assim se operar com as estratégias de controle (políticas inclusivas) sobre esses alunos, fazendo “por vários meios, com que determinados fins sejam atingidos” (FOUCAULT, 1990, p. 284). Nesse sentido, a escola é entendida como um instrumento de normalização disciplinar.

²⁸ Não pretendo abordar especificamente os efeitos dessa produção do MEC. Busco tais concepções para inferir análises sobre as problematizações levantadas no vídeo E. A propaganda também está veiculada em outros espaços midiáticos, como o *You Tube*, podendo ser acessada pelo seguinte endereço eletrônico:

<http://www.youtube.com/watch?v=ZikYK5CCrTE&feature=results_main&playnext=1&list=PL2AB6B9721C1D15E3>.

A norma é tomada como regras impostas a serem adotadas e seguidas como modelo para direcionamento de ações. Tendo a norma como parâmetro, estabelecem-se as práticas de normalização, podendo assinalar quem está ou não na normalidade.

A norma é um jogo dentro das normalidades diferenciais. O normal é o primeiro e a norma se deduz dele, ou se fixa e cumpre seu papel operativo a partir do estudo das normalidades (FOUCAULT apud CASTRO, 2006, p. 73).

O sujeito surdo não foge a essa norma, pois todos, normais ou anormais, estão imersos nessa lógica. No entanto, o que situa a diferença é o quanto mais longe dessa norma os sujeitos são narrados, ou seja, “tomando um modelo geral como referência, busca a normalização, pelo enquadramento à norma, daquele que escapa ao molde” (MENEZES; RECH, 2009, p.7). Diferença aqui é entendida pelo discurso das políticas públicas naquilo que tais documentos legais determinam como uma diferença. A partir dessa racionalidade, podemos pensar que os surdos são constituídos pelos discursos da deficiência, da incapacidade, da inabilidade diante do eficiente.

Tomando tal lugar nessas produções discursivas, os surdos passam a fazer parte do exercício de normação, tendo como “o primeiro”, como parâmetro de normalidade, o sujeito ouvinte. O sujeito de inclusão sempre será comparado com o outro²⁹ e, nesse sentido, toma o lugar da anormalidade.

O discurso produzido pela comunidade surda e legitimado em alguns contextos acadêmicos, portanto, pautado em uma cientificidade, problematiza essas representações, estabelecendo forças de resistência que circulam nas relações. O sujeito surdo é representado sob uma perspectiva cultural, linguística e política. Nessa lógica, também se configura sujeito de uma norma, em que a regulação opera nas regras dessa cultura, porém tomando outros efeitos na constituição dos sujeitos.

Articulando as forças de resistência que os vídeos nos apontam, entende-se que a busca por “libertação” é também a busca por poder. Tensionam-se outras verdades sob a forma de novos saberes, produzindo-se, com isso, diferentes representações. O saber científico clínico sobre a surdez, que possibilita, no

²⁹ É importante entender que esse outro também foi produzido dentro dessa norma como sujeito ideal, mas não tão próximo a ponto de desestabilizar esse padrão, pois isso o tornaria também um anormal.

exercício do poder, produzir verdades acerca de como educar os surdos, é problematizado pelos sujeitos surdos sob novas forças de saber/poder.

O sujeito surdo narrado no registro da deficiência é significado como sujeito da falta. As verdades, legitimadas e produzidas pela linguagem, são frutos de significados e representações inventadas pelas políticas inclusivas. Isso pode ser percebido na descrição do público-alvo da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (MEC/SEESP, 2008, p. 9).

Na perspectiva da educação inclusiva, a educação especial passa a integrar a proposta pedagógica da escola regular, promovendo o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos com **deficiência**³⁰, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. (...) Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimentos de longo prazo, de natureza física, mental ou sensorial que, em interação com diversas barreiras, pode ter restringida sua participação plena e efetiva na escola e na sociedade.

Os discursos de resistência legitimados no exercício do poder/saber postos em movimento pelas reivindicações dos surdos têm problematizado essa representação, narrando os surdos como sujeitos culturais. No entanto, é preciso pontuar aqui que a produção de sujeitos culturais surdos também está na ordem dos discursos políticos, posto que são inventados a partir de um referente deficiente, sendo as culturas desses sujeitos consideradas nos atravessamentos escolares. São verdades inventadas por essas políticas sobre o que é essa cultura, demarcando também a existência dessa narrativa no campo legal. Não são os sujeitos surdos que carregam a cultura surda, são os discursos que produzem tais representações, ou seja, existem tantas realidades quantas nosso discurso puder inventar (FOUCAULT, 1999). O “sujeito cultural” ao qual me reporto para falar dos surdos é produzido por outro discurso, em que a cultura está pautada na experiência surda, na língua e na historicidade política desses sujeitos.

São outras narrativas que tomam sentidos de verdades dentro de uma cultura, onde os significados são produzidos e constituídos em identidades surdas. Trata-se da busca pela imposição dessas verdades a serem representadas em uma relação constante de forças.

Essas representações estão articuladas às formas de significação que se fazem circular no contexto midiático *You Tube*. Os vídeos expressam outras

³⁰ Grifo meu.

narrativas sobre a surdez e a educação, produzindo significados legítimos de resistência, atravessados pelas relações de poder/saber. É nesse contexto midiático, como palco de ensino e aprendizagem, que se produzem outros modos de ser e educar os surdos na contemporaneidade.

A educação está imersa “no grande espaço da cultura e, portanto, no grande espaço dos meios de comunicação, da cultura da imagem e da proliferação de mitos, de modos de ser” (FISCHER, 1998, p.1). Os atravessamentos dessa pedagogia cultural ditam formas de representar os sujeitos surdos e como eles devem ser educados. Os vídeos apresentados operam nesse mesmo sentido, como estratégia de resistência, tensionando e inventando outras verdades sobre a educação de surdos.

A cultura surda é produzida no artefato midiático associada às questões educacionais, buscando assegurar uma cristalização cultural surda e prevenindo a “contaminação” ouvinte. Entendendo isso, a escola de surdos toma lugar principal para esse investimento, possibilitando a produção de sujeitos políticos culturais que vão dar continuidade às questões dessa comunidade.

A Língua Brasileira de Sinais é propulsora da constituição cultural surda, assim como os artefatos que são legitimados pelos discursos que circulam fora e dentro dessa comunidade. As invenções dessa cultura e de seus artefatos levam a outros formatos representativos dados à educação de surdos. Diante disso, a escola de surdos assume papel fundamental. Esse espaço aciona um currículo surdo³¹, pautado na primeira língua desses sujeitos, considerando sua cultura e articulando esses artefatos no processo de ensino.

Nessa direção, a escola inclusiva passa a ser uma ameaça ao desenvolvimento cognitivo e à constituição cultural dos alunos surdos. Trata-se de outra estratégia de aceitação a dominação ouvinte sobre os surdos. Com base nessas verdades, os questionamentos levantados pela comunidade surda estão na ordem de uma educação diferenciada, não em conteúdos formais, mas na constituição cultural e política desses sujeitos. No entanto, vale ressaltar que essas estratégias não fogem às regras e às normas instituídas nesse espaço, que é, antes de tudo, disciplinar.

³¹ Ver dissertação de Morais (2008), “Formações Rizomáticas da Diferença: Narrativas para produção da pedagogia surda”.

Infere-se que a resistência, representada pela comunidade surda, também se coloca em uma lógica biopolítica. Os discursos produzidos por essa instância cultural tomam um lugar de investimento sobre os alunos surdos, em busca da constituição de sujeitos pedagógicos não apenas no sentido cultural e linguístico, mas também político – sujeitos capazes de dar continuidade a esse lugar de resistência.

Nesse sentido, há uma prevenção contra um processo de ouvintismo imposto a crianças surdas na escola regular. Para Skliar (1998, p.15), esse termo trata de “representações dos ouvintes sobre a surdez e sobre os surdos”. Ainda em conformidade com esse entendimento, Lopes (2002, p. 102) diz que

O ouvintismo pode ser colocado como um conjunto de práticas culturais, materiais ou não, voltadas para o processo de subjetivação do ‘eu’ surdo. Essas práticas deixam marcas visíveis no corpo, assim como imprimem uma forma, um tipo de disciplina e de sujeição surda aos valores, padrões, normas, normalidade e médias ouvintes.

Não interessa à comunidade surda os sujeitos constituídos sobre essa narrativa, envolvidos pelas representações ouvintistas da deficiência auditiva, a qual imprime nos corpos a regulação e normação cultural ouvinte. Para isso, tais sujeitos buscam manter um discurso educacional que representa maior qualidade de ensino na escola de surdos, espaço que favorece a formação de surdos politizados em conformidade com as questões de sua cultura. Tem-se, portanto, uma forma de governar, regular e investir no corpo surdo dentro desse contexto de ensino, o que irá permitir tal gerenciamento também em outros contextos em que a cultura surda circula e é consumida por esses sujeitos.

A escola de surdos e a comunidade surda confundem-se em espaços unívocos. Camatti (2011) considera que a comunidade surda investe no espaço escolar para manter a constituição de surdos politizados; desse modo, a escola de surdos passa a desviar suas funções de ensino-aprendizagem, priorizando a constituição cultural surda dos sujeitos.

No entanto, não se trata de uma imposição ou dominação negativa sobre os surdos. Pertencer a uma comunidade, participar e envolver-se nas questões políticas e culturais são também formas de segurança e proteção, mas também significam estar sempre em negociação. Abandonam-se algumas liberdades para se inserir e ser aceito dentro de um contexto específico, o que traz outras vantagens.

Nesse sentido, as identidades, assumidas em um espaço como uma constituição discursiva de produção, tomam lugar na segurança cultural. Segundo Baumam (2005, p. 81), o que está em jogo “(...) não é simplesmente a imagem da pessoa, mas o lugar discursivo e disciplinar de onde as questões de identidade são estratégica e institucionalmente colocadas”.

Produções, representações e invenções, em um sentido de verdades, tomam lugar legítimo dentro dos diferentes contextos educacionais em que os surdos estão inseridos. Os conteúdos digitais aqui apresentados preocupam-se em dar visibilidade às questões da surdez, partindo de argumentos que apontam outros caminhos para se educarem os surdos. Essa é uma busca pela captura de identidades surdas produzidas através da circulação e consumo de conteúdos midiáticos.

O que está em jogo não é o conteúdo específico dos vídeos, mas as estratégias utilizadas pelos surdos para posicionarem-se no cenário educacional. Dessa forma não intenciono apontar quais os tipos de sujeitos surdos estão sendo produzidos por esses outros significados, mas de que forma isso vem sendo articulado aos modos de produção midiática posta em circulação pelos próprios surdos. Nesse sentido, os vídeos alocados na categoria educação apontam para uma mesma ordem, com significados que se aproximam em estratégias diferenciadas, buscando produzir modos semelhantes de ser surdo e posicionar-se politicamente em tempos de inclusão.

CAPÍTULO V

PRODUÇÃO E NEGOCIAÇÃO CULTURAL SURDA: CONSUMINDO OUTRAS IDENTIDADES

Não me interessa, neste momento, apontar objetivamente as conclusões deste estudo, mas fazer inferências sobre os efeitos das discussões traçadas até aqui. Entendo que não há respostas a serem desveladas e, por isso, preocupo-me com “a análise da superfície” (SAID, 2010 p. 51), pois tudo está aí, na superfície, na epiderme do texto.

Reportando-me ao texto e, dessa forma, ao contexto cultural em que se produzem significados e representações, busquei analisar as produções culturais surdas em atual circulação no ambiente virtual *You Tube*, dando direcionamentos sobre a constituição dos sujeitos surdos no cenário contemporâneo. O texto que tomo como lócus desta investigação são as produções, representações e invenções constituídas na e pela cultura surda. Entendo as concepções de pesquisa a partir da abordagem dos Estudos Culturais, que “passou a ver a cultura como uma condição constitutiva da vida social, ao invés de uma variável dependente” (HALL, 1997a, p. 27). A cultura foi pensada aqui como um campo de produção e consumo de significados, sendo as identidades constituídas a partir das representações produzidas em determinado texto cultural.

O sujeito surdo, nesta constituição de pesquisa, é produto e produtor de identidades, possibilitando, por meio da circulação das obras artísticas no *You Tube*, o consumo de outros modos de ser surdo no cenário contemporâneo. O exercício do poder/saber dentro dessa arena discursiva produz significados sobre as coisas, instituindo também modos de ser e agir em determinado contexto, ou seja, na disputa pela significação, as relações de poder movimentam-se na esteira discursiva, produzindo verdades sobre os próprios sujeitos.

Não propus, nesta pesquisa, evidenciar discursos ou representações ocultas sobre as obras consideradas. Do mesmo modo, tais evidências inexistem no contexto pós-moderno, pois nada está pronto de modo a ser apenas olhado e representado da mesma forma; tudo está visível, sem cortinas, afinal, não há nada a ser desvelado.

Sou produção e produto desta pesquisa; portanto, também estou imersa em uma teia discursiva, constituindo sentidos sobre as coisas, pois “lá onde há discurso, as representações se expõem e se articulam” (Foucault, 1966, p. 326-327).

Nas discussões que me propus a fazer sobre os vídeos que configuram produções culturais de sujeitos surdos, tomei as representações ali dirigidas como efeitos dos discursos, portanto, representações que se colocam em circulação nesses conteúdos. Dessa maneira, a linguagem é posta como instrumento central de representações que “(...) nomeia, que recorta, que combina, que articula e desarticula as coisas, tornando-as visíveis na transparência das palavras” (FOUCAULT, 1966, p. 326-327). É a partir dessa visibilidade que tracei minhas discussões, deslocando a ideia de uma evidência ou da “correção de representações” (SAID, 2010, p. 51) ali consumidas.

O consumo é o que legitima, o que representa e, desse modo, o que constitui os sujeitos. Estar imerso nessa rede de relações, consumindo e representando significados em circulação no *You Tube*, é estar sendo produzido sob tais discursos e constituindo-se surdo na lógica contemporânea. Para Canclini (1997, p. 65), “o consumo é um processo em que os desejos se transformam em demandas e em atos socialmente regulados”. No entanto, há aqui uma relação do que é, como são consumidos os significados e o que é legítimo de ser consumido nos vídeos no *You Tube*. Foucault (2008, p. 260) questiona: “por quem aceitamos ser conduzidos? Como queremos ser conduzidos? Em direção ao que queremos ser conduzidos?”. Essas escolhas são delineadas pelo consumo de significados postos em circulação nos discursos legitimados por relações de poder/saber.

É nesse jogo estratégico que a “liberdade” do sujeito é negociada. São as práticas de si, em meio às relações consigo mesmo que se exercem na cultura, que permitem a regulação de condutas e representações sobre o modo de vida. O sujeito se posicionará de formas diferentes em cada relação que se estabelece. Assim, podem-se inventar diferentes sujeitos, dependendo do lugar em que eles se colocam em meio aos jogos de verdade. Para Foucault (2006, p. 265), as práticas de si são “um exercício de si sobre si mesmo através do qual se procura se elaborar, se transformar e atingir um certo modo de ser”. O sujeito surdo constitui-se na relação que ele estabelece com sua cultura, experiência e artefatos e diante daquele que o narra como tal.

[...] eu diria que, se agora me interesse de fato pela maneira como e qual o sujeito se constitui de uma maneira ativa, através de práticas de si, essas práticas não são, entretanto, alguma coisa que o próprio indivíduo invente. São esquemas que ele encontra em sua cultura e que lhe são propostos, sugeridos, impostos por sua cultura, sua sociedade e seu grupo social [...] (FOUCAULT, 2003, p. 276).

Os vídeos produzidos pelos sujeitos surdos analisados neste estudo operam nessa ordem, como estratégia de fazer representar-se, constituindo verdades a serem seguidas. Para isso, é preciso fazer circular discursos legítimos para serem consumidos, em meios as relações de poder/saber, de modo a constituir sujeitos surdos na sua lógica de representação. Consolidar e fazer valer suas verdades pode estar relacionado à legitimidade dos próprios atores desses discursos. Os autores surdos das obras aqui selecionadas tomam destaque pelo grande número de produções postadas no *You Tube*³², promovendo o reconhecimento de significados por eles produzidos.

Nesse sentido, as estratégias de legitimação são constituídas na lógica contemporânea, tomando o humor e a educação como palco dos processos de significação na atualidade. Tais temas colocam-se como “vitrine” pelos próprios sujeitos surdos na busca pela consolidação e consumo de suas verdades, produzindo também nessa ordem outras identidades surdas.

Nos vídeos humorísticos visualizados nesta pesquisa, a sátira produz, subjetiva e ironiza a condição de ser surdo. Essas produções culturais apresentam-se em meio a movimentos contemporâneos em que rir de si e dos outros também é uma estratégia de manter-se em um lugar cultural, inventando seus próprios significados sobre ser surdo na atualidade. Foi sobre essas outras estratégias que este trabalho se propôs a pensar, considerando os processos de constituição dos sujeitos surdos na contemporaneidade e analisando tais obras artísticas como meios legitimados de produção cultural.

Opera-se nessa lógica o sentido de negociação. O sujeito surdo coloca-se em um entre-lugar em que ora é preciso “recuar”, ceder às verdades majoritariamente ouvintes, ora é preciso impor seus significados, talvez sobre outras estratégias de significação cultural. Nessa ordem, é possível pensar que os surdos “fixam” identidades culturais surdas para que apareçam e exerçam o poder, possibilitando

³² Essa informação tem como base a descrição disponível no vídeo e nos comentários postados pelo submissor da obra no *You Tube*. É possível visualizar essa constatação na planilha utilizada como fonte desta pesquisa (Anexo 2).

regular e governar, legitimando os sentidos de como ser, agir e constituir-se surdo sob essas outras verdades.

Nesse sentido, legitimar a cultura surda sob essas outras estratégias, produzindo outros modos de ser surdos, não significa a criação de outra categoria menos cultural ou militante na arena de negociações. Usa-se da própria invenção cultural para produzir outros jeitos, outros significados sobre o surdo e a surdez. Yúdice argumenta em entrevista dada a Heloisa Buarque de Hollanda em 2005:

A minha idéia agora é que a cultura seja um recurso. E quando você pensa que a cultura é recurso, o único jogo que existe é o do gerenciamento, da gestão dos recursos (...). A verdadeira cultura é a criatividade humana. (...) A questão é como dinamizar essa criatividade, viabilizar, para ter uma série de resultados (...).

É em meio às formas de uso da cultura que os surdos vêm buscando legitimá-la, muitas vezes por representações diferentes. Talvez nessa lógica as estratégias de significação cultural surda utilizadas nos vídeos façam mais sentido nestes tempos em que a resistência não precisa ser oposição, negação, mas sim significação e produção.

Ainda que no campo educacional esses processos de resistência se apresentem, neste trabalho, colados a estratégias de oposição,³³ penso que, em tempos de inclusão, essas forças discursivas ainda fazem sentido.

O plano educacional inclusivo, imerso em um cenário de urgência neoliberal, toma a diversidade social como uma justificativa para a implementação curricular acelerada. Nessa lógica, busca atender às necessidades específicas de todos os alunos, de forma a adaptar um currículo voltado ao atendimento à diversidade, produzindo subjetividades que lhes são convenientes. É perceptível uma recorrência discursiva que vem alocando os sujeitos surdos em uma narrativa ainda pautada na falta, produzindo sujeitos deficientes em níveis de perda auditiva.

Diante dessa configuração, os surdos vêm tensionando discussões de cunho educacional, buscando legitimar seus discursos por meio de diferentes estratégias de negociação. No entanto, não se trata mais de negar o sistema de ensino inclusivo, mas de questionar os efeitos da inclusão educacional para os sujeitos

³³ A oposição referenciada aqui se refere aos movimentos de militância surda que questionam as representações deficientes sobre a surdez, inventadas e legitimadas por uma sociedade majoritariamente ouvinte. Dentre esses movimentos, estão as próprias produções surdas alocadas na categoria educação, apresentadas neste trabalho.

surdos e o que ainda está em jogo na lógica da produção desses sujeitos na contemporaneidade. Tais produções estão associadas aos modos de constituir surdos pelos discursos de alguns documentos legais, afastando-os das concepções de uma diferença política e linguística que inventam esses sujeitos dentro da sua própria cultura. Diante dos direcionamentos culturais que vêm englobando a discussão da surdez hoje, as produções discursivas pautadas no âmbito político educacional dos documentos legais parecem não fazer sentido nestes tempos em que o surdo tem sua língua oficializada e sua cultura reconhecida e legitimada em diferentes espaços sociais.

Portanto, torna-se necessário, ainda em meio a narrativas inclusivas, manter o discurso militante da educação de surdos, pois a permanência na escola de surdos continua a ser, dentre outras, uma estratégia fortalecida de prevenção e preservação cultural. Desse modo, ainda é preciso produzir sujeitos dentro da lógica militante da cultura surda, entendendo-a como um mecanismo de sobrevivência, pois isso estabelece “as origens de muitos costumes (...) necessários aos membros de uma comunidade” (HOLCOMB, 2011, p. 140). Não se trata somente de negar o modelo educacional inclusivo, mas de manter um compartilhamento de informações, regras e/ou modelos surdos que possibilitem a preservação cultural entre os membros dessa comunidade.

Na lógica contemporânea, talvez esse sentido de pertencimento, de satisfação e salvaguarda cultural seja ainda mais valorizado em tempos em que a incerteza predomina na própria invenção das coisas. Esses sentidos predisõem à tentativa de imposição de verdades. Dessa forma, os surdos buscam estratégias distintas para produzirem sujeitos na sua lógica discursiva.

Entendo que a produção de significados expostos nos vídeos são estratégias de legitimação cultural surda, podendo tal cultura também ser constituída por diferentes configurações. São formas de negociar a cultura surda, produzindo nesse jogo discursos que fazem sentido em determinado tempo histórico. As obras aqui sugeridas constituem diferentes significados inventados sobre a própria cultura surda, portanto, diferentes modos de ser surdo no cenário contemporâneo.

Esta pesquisa não se propôs a pensar de maneira delimitada sobre os modos de produção de sujeitos surdos nos vídeos aqui sugeridos. Tomo essa materialidade como um recorte dos movimentos de atuação de uma pedagogia cultural da mídia, estabelecendo relações entre produção, negociação e consumo. Entendo que tais

relações estão sendo exercidas em todas as produções que se colocam em circulação no espaço midiático. No entanto, a escolha pelo contexto de pesquisa *You Tube* também entra na lógica contemporânea, em que a visibilidade crescente e o alto número de acessos colocam esse *site* de relacionamento na vitrine dos interesses de consumo. Nesse sentido, esta pesquisa produz significados em meio aos movimentos da contemporaneidade, podendo ser pensada, em outro momento, sob novos espaços de consumo.

Coloco em exercício a minha curiosidade como pesquisadora, buscando outros desafios, não como fonte de satisfação das incertezas, mas como um saber sempre a ser olhado, repensado, curioso. Nas palavras de Foucault (1984, p.13), “existem momentos na vida onde a questão de saber, se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para se continuar a olhar [...]”.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- _____. **Vida líquida**. São Paulo: Jorge Zahar, 2005.
- _____. **Comunidade** – a busca por segurança no mundo atual. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 2003.
- BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- BRASIL, MEC/SEESP. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Portaria Ministerial nº 948/2007, Brasília, 07 de janeiro de 2008. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducspecial.pdf>> Acesso em: 20 dez. 2010
- BRASIL. Lei n. 10.436, de 24 DE Abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 24 Abr. 2002. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/2002/L10436.htm>>. Acesso em: 20 dez. 2010.
- BUJES, M. I. **Infância e Maquinarias**. 2001. 259 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. [2001].
- BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. Tradução Leila Souza Mendes. São Leopoldo, RS: Editora UNISINOS, 2003.
- CADERNOS DE LEITURA Edusp. **ENTREVISTA**
O antropólogo Néstor García Canclini. Cultura sem fronteiras. Por Reynaldo Damazio. Ed.02. 2007. Disponível em <http://www.edusp.com.br/cadleitura/cadleitura_0802_8.asp> Acesso em: 10 de Jan. 2012.
- CAMATTI, L. **A Emergência do sujeito surdo pedagógico no espaço da convergência entre comunidade e escola de surdos**. 2011. 90f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2001.
- CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão, 1998.
- _____. **O Consumo Serve Para Pensar**. in *Consumidores e Cidadãos - conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro, Ed UFRJ, 1997, 3ª. ed, pp. 51-70.
- _____. **Consumidores e Cidadãos**. Rio de Janeiro, Ed, UFRJ, 7ª edição, 2008.
- CASTRO, E. Leituras da modernidade educativa: disciplina, política, ética. In: GONDRA, J. KOHAN, W. (Orgs). **Foucault 80 anos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 63-67.

CORAZZA, S. M. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: Costa, M. V. (Org) **Caminhos Investigativos I** – Novos olhares na pesquisa em educação. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2007, p. 105-131.

COSTA, M. V. Sobre a “Conveniência” da Escola. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, nº42. set/dez. 2009, p. 521-533.

_____ **Consumir o “outro” como prática da cidadania.** A Página da Educação. Portugal, ano XVI, n. 163, p. 7, jan. 2007.

COSTA, M. V. SILVEIRA, R. H. SOMMER, L. H. Estudos Culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, nº23, Maio/Jun/Ago 2003, p. 36-61.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. **Tragicomédia.** Significado de tragicomédia. Acesso em 12/12/2011. Disponível em <<http://www.dicio.com.br/tragicomedia/>>

DELEUZE, G. **Foucault.** 2. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

DU GAY, P. **Organizing identity:** making up people at work. In: Du Gay edition, 1997.

FISCHER, R. M. B. Verdades em suspenso: Foucault e os perigos a enfrentar. In: COSTA, M. V. (Org.) **Caminhos Investigativos II:** outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____ **Mídia e Educação** – Uma agenda para debate. Jornal NH, set 1998. Suplemento NH na Escola. 1998.

_____ **O estatuto pedagógico da mídia:** questões de análise. Educação & Realidade, v. 22, n. 2, p. 59-80, jul./dez. 1997.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade**, vol. II – Uso dos prazeres. 1984. Rio de Janeiro, Ed. Graal.

_____ **O Uso dos Prazeres e as Técnicas de Si.** In op. cit vol V. 1983

_____ **A Arqueologia do Saber.** Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995a

_____ **Vigiar e punir.** Petrópolis: vozes, 1995b.

_____ **As palavras e as coisas:** uma arqueologia das Ciências Humanas. São Paulo: Martins Fontes. 1996.

_____ **Microfísica do poder.** 9.ed. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

_____ **Em defesa da sociedade.** Curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____ **Os anormais:** curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____ **Estratégia, poder-saber.** Rio de Janeiro (RJ): Forense-Universitária; 2003.

_____ **Segurança, Território e População.** São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____ **A hermenêutica do sujeito.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GADELHA, S. **Biopolítica, governo e educação**: introdução e conexões, a partir de Michel Foucault, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. – Coleção Educação: Experiência e Sentido.

GALLO, S. Sob o signo da diferença: Em torno de uma educação para a singularidade. In: HESSEL, R. M. S (Org). **Cultura, poder e educação**: um debate sobre os estudos culturais em educação. Canoas: Ed. ULBRA, 2005. p.213-223.

GARBIN, E, M. **Cultur@s Juvenis, identid@des e internet**: questões atuais. Revista Brasileira de educação, Belo horizonte, v. 23, p. 119-135, 2003.

GOMES, A. P. G. **O imperativo da cultura surda no plano cultural**: emergência, preservação e estratégias nos enunciados discursivos. 2011. 97f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2001.

HALL, S. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte/Brasília: Editora UFMG/Unesco, 2006.

_____. A centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, v. 22, nº 2, p. 15-46, jul/dez, 1997a.

_____. Hall, S. **Representação**: Representações Culturais e Práticas Significando London: Sage Publication, 1997b.

HOLLANDA, H. B de. Heloisa Buarque de Hollanda entrevista George Yúdice. In: **Z cultura, Revista virtual do programa avançado de cultura contemporânea**. Ano III, 03. 2005. Acesso em 04/01/2012. Disponível em <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/heloisa-buarque-de-hollanda-entrevista-george-yudice-agosto-de-2005/>

HOLCOMB, T. k. Interlocuções e negociações da cultura surda. In: **Cultura Surda na contemporaneidade**, negociações, intercorrências e provocações. Karnopp, L. KLEIN, M. LUNARDI-LAZZARIN, M. L. (Org). Canoas: Ed. ULBRA, 2011. p.137-149.

IMPLANTE COCLEAR SITE OFICIAL. **O que é Implante Coclear**. São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.implantecoclear.com.br/index.php?pagina=oquee>>. Acesso em: 20 março. 2011.

KARNOPP, L. B. **Produções culturais de surdos**: análise da literatura surda. Cadernos de Educação (UFPel), v. Ano 19, p. 155-174, 2010.

KANOOP, L. B. LUNARDI-LAZARRIN, M. L. KLEN, M. **Produção circulação e consumo da cultura surda brasileira**. Edital n0 07, CAPES/MINC. 2009.

LAROSSA, J. **Pedagogia profana** - danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LUNARDI-LAZZARIN, M. L. Pedagogia da diversidade e Pedagogia da Diferença? Singularidades e regularidades nos discursos das políticas inclusivas. In: FREITAS, S. N. (Org.). **Tendências contemporâneas de inclusão**. Santa Maria: Editora UFSM, 2008. p. 113-130.

LOPES, Maura C. & VEIGA-NETO, Alfredo. Marcadores culturais surdos: quando eles se constituem no espaço escolar. **Perspectiva**, Florianópolis, volume 21, edição especial – jul./dez. 2006.

LOPES, Maura Corcini. **Foto & Grafias**: possibilidades de leitura dos surdos e da surdez na escola de surdos. Porto Alegre: UFRGS/ PPGEDU, 2002. Tese (Tese em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

_____ **Surdez e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LULKIN, S. A. **O Riso nas Brechas do Siso**. 2007. 187f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

MAGALHÃES, L. *You Tube*. **Revista e-Markting**. São Paulo, n 1. p. 15-16. Ago 2010. Disponível em <<http://www.youblisher.com/p/75520-Revista-e-marketing/>> Acesso em 12 de dez. 2010.

MAILLARD, C. **La razón estética**. Barcelona: Laertes, 1998.

MARSHALL, J. Governamentalidade e Educação liberal. In: **O Sujeito da Educação**: estudos foucaultianos. SILVA, T. T. da. (org). 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 21-34.

MENEZES, E. C. P; RECH, T. L. Práticas de subjetivação no movimento de integração e inclusão escolar. Trabalho submetido ao —VI Congresso Internacional de Educação – **Educação e tecnologia**: sujeitos (des)conectados?II. São Leopoldo: UNISINOS, 2009, 15 p.

MORAIS, M. Z. **Formações Rizomáticas da Diferença**: Narrativas para Produção da Pedagogia Surda. 2008. 78 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.

PERLIN, G. A cultura Surda e os Interpretes em língua de Sinais (ILS). **Revista Educação temática Digital**, Campinas, v. 7, n 2, p. 136-147, jun 2006.

SAID, Edward W. **Orientalismo**: oriente como invenção do ocidente. Editora Schwarcz: São Paulo. 2010.

SCHALLENBERGER, A. **Ciberhumor nas comunidades surdas**. 2010. 75f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Porto Alegre, 2010.

SCHMIDT, S. Em pauta: a aliança mídia e educação. **UNlrevista** – São Leopoldo Vol. 1, n° 3, p. 1-8, jul. 2006. Disponível em: <http://www.alaic.net/ponencias/UNlrev_Schmidt.pdf> Acesso em: 10 de março. 2011.

SILVA, T. T. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2. ed. Belo horizonte: Autêntica, 2001.

Atualidade da educação bilíngüe para surdos. Porto Alegre: Mediação, 1999. 2 v.

SILVEIRA, R. M. H. Discurso, escola e cultura: Breve roteiro para pensar narrativas que circundam e constituem a educação. In: **Cultura, poder e educação**: um debate sobre os Estudos Culturais em educação. SILVEIRA, Rosa Maria Hessel (Org). Canoas, Ed. ULBRA, 2005. P. 167- 210.

SKLIAR, C. Uma perspectiva sócio-histórica sobre a Psicologia e a Educação dos Surdos. In: **Educação e Exclusão**: abordagens socioantropológicas em Educação Especial, Cadernos de Autoria, p. 105-153. Porto Alegre: Editora Mediação, 1997.

 Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, C. (Org). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998, p-7-32.

 A invenção e a exclusão da alteridade “deficiente” a partir dos significados da normalidade. **Revista Educação e Realidade**, v. 24, n. 2, jul/dez, p. 15-32, 1999.

VEIGA NETO, A. **Foucault & a Educação**. 2. ed. Belo horizonte: Autêntica, 2005.

 Olhares... In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos Investigativos I**: novos olhares na pesquisa em educação. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 23-38.

 Dominação, Violência, Poder e Educação Escolar em tempos de Império. In: **Figuras de Foucault**. RAGO, Margareth; VEIGA NETO, Alfredo. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p.13-37.

 Incluir para excluir. In: LARROSA, Jorge y SKLIAR, Carlos.< msofareast-language:ES"> **Habitantes de Babel**: políticas e poéticas da diferença. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2001;

 Dicas...In: Revista aulas. **Foucault e as Estéticas da Existência**. RAGO, Margaret (org.) Unicamp 2010.

VILELA, E. Resistência e acontecimento. As palavras sem centro. In: GONDRA, J. KOHAN, W. (Orgs). **Foucault 80 anos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 107-128.

PROPP, V. **Comicidade e riso**. São Paulo: Ática, 1992.

YÚDICE, G. **A conveniência da cultura**: usos da cultura na era global. Trad. Marie-Anne Kremer. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

 Cultura e educação no novo entorno. In: SOMMER, L. H. BUJES, M. I (Orgs). **Educação e Cultura Contemporânea**: articulação, provocações e transgressões em novas paisagens. Canoas: Ed. ULBRA, 2006. p. 11-21.

ANEXO 1

Planilha de catalogação de dados. Adaptada do projeto “Produção Circulação e Consumo da Cultura Surda Brasileira”.

(A nível de demonstração)¹

Nº	Administr	Título	Categoria indicada	Suport	Acesso fonte	Data de acesso	sit	Tipo. Textual ²	Tip. detalhada ²	Ano	Autores ³
1	UFSM	Surdo Sofre	educação	dig/vid	virtual	mai/2010	Youtube(http://www.youtube.com/watch?v=AqlsVYY6bgc)	inf	mas_com	2009	Gabriel Izaaz Lima de Souza
2	UFSM	Surdos na Praia	Pessoasebl ogs	dig/vid	virtual	mai/2010	Youtube(http://www.youtube.com/watch?v=ovK2xqBvZiw)	inf	Int_par/soc	2007	Dept. de Surdos de Videira
3	UFSM	Jornal Ab+Surdos	humor	dig/vid	virtual	mai/2010	Youtube(http://www.youtube.com/watch?v=d5E7hG6Rjjs)	lud	hum_ane	2009	Kitana McNew e Many Pipoka
4	UFSM	Teatro Alegria Surda	educação	dig/vid	virtual	nov/2010	Youtube(http://www.youtube.com/watch?v=vGvPl4egdNk)	inf	ins_rel/ope/viv/cot	2009	Teatro Alegria Surda
5	UFSM	Doutores de IC x Libras - Parte 1	educação	dig/vid	virtual	jan/2011	Youtube(http://www.youtube.com/watch?v=PisobqsuEII)	per	rei_man	2009	Germano Carlos Dutra Junior
6	UFSM	FS O chamado surdo do terror	humor	dig/vid	virtual	set/2011	Youtube(http://www.youtube.com/watch?v=G6uuA-1JAU)	lud	hum_ane	2010	n/i
7	UFSM	[Filme Surdo] Como matar os maridos	humor	dig/vid	virtual	set/2011	Youtube(http://www.youtube.com/watch?v=OkMqbOulSUM)	lud	hum_ane	2010	Germano Dutra Jr.
8	UFSM	Já inclusão, não sei como vou viver	educação	dig/vid	virtual	ago/2011		inf	mas_com	2011	Thúlio jahnke
9	UFSM	Justiça- Libras	noticiasepo lítica	dig/vid	virtual	fev/2011	Youtube(http://www.youtube.com/watch?v=w-jrEkqLkc&feature=related)	inf	mas_rep	2009	n/i
10	UFSM	Aprenda LIBRAS: Cultura Surda	semfinslucrativos/ativismo	dig/vid	virtual	Fev/2011	Youtube(http://www.youtube.com/watch?v=SZp9w-CEdQU)	inf	Int_ent	2010	TV sentidos

Continuação...

	Trad. LIBRAS ⁴	Contação/ Atuação	Editora/ Instituição	Páginas	Duração	Público alvo ⁵	Elementos Material Impresso	Elementos material multimídia ⁶	Obs.
1	n/a	Gabriel Izaac Lima de Souza- 12 anos (surdo)	Internet	n/a	004:34:00	pub_ger	n/a	lg	postado por "gabrieleandra"
2	n/a	Surdos de Videira	Internet	n/a	02:09:00	adu	n/a	sp1	Postado por "surdosdevideira"
3	n/a	Kitana McNew, Many Pipoka e Jefferson Lealdini	Internet	n/a	06:42:00	adu	n/a	sp1/en	Postado por "kitanamcnew"
4	n/a	n/i	Internet	n/a	02:27:00	juv/adu	n/a	sp1/en	Postado por "jolteste1234"
5	n/a	Germano Dutra Junior	internet	n/a	09:34:00	pub_ger	n/a	lg/il/sp1	n/i
6	n/a	n/i	Internet	n/a	06:51:00	juv/adu	n/a	sp1/leg	n/i
7	n/a	Régen Patrick Radai, Débora Schlindwein, Ariana Martins, Andrey Puppi e Germano Dutra Jr	Internet	n/a	18:05:00	juv/adu	n/a	sp1/leg	n/i
8	n/a	n/i	Internet	n/a	09:48:00	juv/adu	n/a	sp1	n/i
9	n/a	n/i	Internet	n/a	02:25:00	juv/adu	n/a	sp1_or	Reportagem do Estado de Paraná
10	n/a	Vinicius Nascimento, Moryse Saruta	Internet	n/a	02:23:00	pub_ger	n/a	lg/qs/sp1/or/fs	Programa da TV sentidos

Legenda

1 – Essa tabela é uma adaptação da planilha completa utilizada no projeto “Produção Circulação e Consumo da Cultura Surda Brasileira”. A catalogação completa pode ser visualizada em formato digital, inserindo no CD -Anexo 2.

2 – A tipologia textual e tipologia detalhada foram utilizadas para essa categorização conforme quadro demonstrativo proposto por Pereira (1988) retirado de: KARNOPP, Lodenir. *Linguística Textual*. In: FLORES, Onici (org.) *Teorias do texto e do discurso*. Canoas: Ed. Da Ulbra, 2006. p. 33-34.

INFORMATIVOS				PERSUASIVOS				LÚDICOS		
Interpessoais	Massivos	Instrucionais	Científicos	Autoritários	de Indução	Polêmicos	Reivindicatórios	Folclóricos	Humorísticos	Literários
1.Cartão 2. Avisos 3. Bilhete 4.Comunicado 5.Convite 6.Participação Social 7.Anúncio de Emprego 8.Requerimento 9.Ofício 10. Carta pessoal 11.Carta-emprego 12.Carta comercial 13.Relatório 14.Ata 15.Telegrama 16.Relatos de vivenciados 17.Entrevista	1.Manchete 2.Notícia 3.Reportagem 4.Comentário 5.Cartaz 6.Placa 7.Outdoor 8.Volante	1.Relato de operações vivenciados no cotidiano 2.Receita 3.Bula 4.Orientação para jogos 5.Folhetos de instrução 6.Manual técnico	1.Relato de pesquisa 2.Textos sobre tópicos 3.Das diversas áreas do conhecimento: História Geografia Matemática, Ciências, línguas, etc.	1.Regulamento de procedimentos na vida familiar 2.Regulamento de clubes da escola 3.Regimento da Escola 4.Estatuto do Grêmio Estudantil 5.Direitos da criança 6.Direitos dos animais 7.Direitos Humanos 8.Direitos do Menor que Trabalha 9.Direitos do Trabalhador 10.Direitos da Família 11.Contrato oficial 12.Constituição Brasileira	1.Publicidade comercial 2.Publicidade institucional 3.Publicidade oficial 4.Ocultismo	1.Debate 2.Defesa de tese 3.Exposição de motivos 4.Opinião 5.Comentário crítico 6.Texto Político 7.Editorial	1.Panfleto Estudantil 2.Panfleto Sindical 3.Manifesto 4.Carta aberta	1.Fábula 2.Lenda e mito 3.Jogo de Linguagem (brinco, trava-língua, parlenda, adivinhação)	1.Anequeto 2.Charge 3.Tira 4.Quadrinhos	1.Poema 2.História infanto-juvenil 3.Quadrinhos 4.Crônica 5.Conto 6.Novela 7.Romance 8.Drama

*Foram utilizados aqui, para categorização na planilha, somente as três primeiras iniciais de cada tipologia, tanto geral como detalhada, a fim de padronizar a geração de dados no programa Excel.

3 – n/i é a nomenclatura para “não informado”.

4- Essa planilha foi utilizada para catalogação de todos os dados coletados no projeto “Produção Circulação e Consumo da Cultura Surda Brasileira” sendo esses dados catalogados somente pelo grupo da UFSM. Dessa forma algumas informações não se aplicam (n/a) aos vídeos coletados no You Tube.

5- O público Alvo é distribuído em: público geral (pub_ger), adulto (adu), juvenil adulto (juv/adu), infantil (inf), infanto juvenil (inf/juv)

6 – Os elementos de material multimídia são indicados da seguinte forma: Legenda (lg) ilustração (il) quadro para sinalização (qs) sinalizador em um plano (sp1) encenação (em) e oralidade (or).

ANEXO 2

1. Vídeo A. "FS O chamado surdo do terror"
2. Vídeo B. "Como matar os maridos"
3. Vídeo C. "Doutores de IC X LIBRAS - Parte 1"
4. Vídeo D. "Teatro Alegria Surda"
5. Vídeo E. "Já inclusão, não sei como vou viver"
6. Planilha catalogada completa. (Formato Excel)